

EM GUARDA

Para a defesa das Américas



Pequeno, mas mortífero, o submarino é a maior ameaça às linhas japonesas de abastecimentos na vasta área do Pacífico



O MÉXICO ENTRA NA GUERRA

PARA ASSEGURAR A INTEGRIDADE CONTINENTAL

O México declarou guerra às potências do Eixo. Fê-lo em defesa de sua honra e soberania, conforme declarou seu Presidente, General Manuel Avila Camacho, sendo o fato considerado como de grande significação na história de um continente cujas nações se entrelaçam em perfeita unidade e cooperação. A atitude assumida pelo México veio reuni-lo ao grupo de democracias que, forçadas à guerra, formam agora sólido bloco que se estende desde as regiões extremas da América do Norte até as terras do Panamá. Pela primeira vez, na história das nações norte e centro-americanas, unem-se elas em aliança de guerra, na qual, a colaboração militar e econômica de cada uma representa inestimável contribuição para a defesa de todas.

O México torna-se, portanto, a vigésima sétima nação a opôr-se formalmente contra a dominação do Eixo, e é a décima primeira República Americana a declarar guerra aos elementos predatórios que ameaçam a sua liberdade. Das demais nações americanas, oito já romperam relações diplomáticas e econômicas com a Alemanha, Itália e Japão. de acordo com a resolução adotada na Conferência do Rio de Janeiro. O continente americano apresenta-se, conseqüentemente, como a mais sólida resistência contra a vitória do Eixo. E ao México cabe um papel de extraordinário destaque.

O Sr. Sumner Welles, Sub-Secretário de Estado dos Estados Unidos, em telegrama dirigido ao Dr. Ezequiel Padilla, Chanceler do México, afirmou que a decisão mexicana iria ser "uma inspiração aos povos do Novo Mundo". Foi, assim, um passo notável em prol da solidariedade de todo o hemisfério, para a qual o Dr. Padilla tanto contribuiu durante a Conferência do Rio de Janeiro. E a solidariedade que se baseia no reconhecimento de interesses comuns, para manter e defender nas Américas a liberdade e soberania das nações, grandes e pequenas — legítimo direito, cujo exercício está sofrendo o trágico colapso imposto pelo Eixo em quase toda a Europa continental.

O pronto rompimento de relações diplomáticas com o Eixo, depois do atentado de Pearl Harbor, e a sua altiva declaração de guerra, seis meses depois, constitui a maior prova do grau de mútua confiança existente entre o México e os Estados Unidos. Dessarte, fundem-se simbolicamente nas fronteiras mexicanas, as duas grandes secções da América, diferenciadas por idiomas, mas atraídas mutuamente pela identidade de aspirações e ideais. E nessas fronteiras que constantemente se encontram as duas correntes culturais que têm dado forma ao pensamento das Américas. Hoje, elas reúnem-se mais harmonicamente do que nunca, em parte devido à crescente convicção, em ambos os lados, de que as diferenças entre as tradições das duas culturas americanas é relativamente pequena, em comparação com o abismo que as separa do neo-barbarismo do Eixo.

Além desses fatores espirituais, existe igualmente a expressão concretizada na concepção da honra e soberania nacionais, que simboliza o ânimo realizador das aspirações dos povos do Novo Mundo. O inte-

resse nacional de cada um deles desenvolve-se amplamente e sem peias, porque se firma em base sólida de liberdade e independência. E desta maneira que se dá o devido valor à integridade territorial da pátria e aos esforços feitos em prol do seu bem-estar econômico. O espetáculo da hora presente na Europa e Ásia, revela os objetivos de dominação econômica do Eixo, em profundo contraste com a prática cooperativa interamericana, que é animada unicamente pelo interesse mútuo de se assistirem as nações, respeitando, entretanto, suas respectivas soberanias.

E' nêsse sentido que pode a atitude do México, na expressão do Sr. Welles, constituir uma inspiração para o resto das Américas. Porque, para os mexicanos, o que lhes haja talvez causado maior impressão, na política externa dos Estados Unidos, é o seu profundo respeito à independência econômica e política do México, ao mesmo tempo que o assiste econômica e financeiramente a reparar prejuízos causados pela perda de mercados exteriores, em virtude da guerra.

Ao pedir a declaração de guerra, o Presidente do México acentuou as agressões cometidas anteriormente pelo Eixo contra outras nações, e ligou-as histórica e logicamente, à agressão de que sua pátria fôra vítima. Ligou também a ameaça à soberania mexicana, aos grandes princípios básicos ora em causa no conflito mundial.

De há muito que o México tem-se familiarizado com êsses princípios, mesmo quando eram ainda remotos os perigos da hostilidade nazista. Os mexicanos orgulham-se de haverem manifestado essa

atitude oficialmente, em 1936, quando se recusou o seu govêno a reconhecer a conquista italiana da Etiópia; e mais tarde, por ocasião do seu protesto contra a ocupação nazista da Austria e da Tcheco-eslováquia, e quando condenou a invasão da Noruega, Holanda, Bélgica, Iugoslávia e Rússia. Assim, o México assumiu a sua atitude contra as agressões do Eixo muito antes de tornarem-se as mesmas uma ameaça às Américas, na forma de ataque à navegação comercial ao longo das costas continentais. A enunciação mexicana acêrca de tais princípios vinha se fazendo muito antes de ser a nação forçada a recorrer às armas, para bater-se por êles.

Quando rebentou a guerra que se estendeu pela Europa e outras partes do mundo, o México, pela palavra de seus líderes do govêno, foi das primeiras nações a perceberem a significação do conflito para as Américas; e por isto, acentuava a necessidade da solidariedade entre as Repúblicas Americanas, não somente em face da ameaça iminente, como dos perigos ainda maiores que decorriam de uma vitória final do Eixo. Em Havana, e depois, no Rio de Janeiro, o México foi um dos campeões em prol do estabelecimento de uma política continental única. Em Abril de 1941, o govêno mexicano ordenou a apreensão dos navios mercantes das nações do Eixo, que se achavam em seus portos. Em Julho do mesmo ano, regeitou os protestos alemães contra a lista negra dos Estados Unidos; em Agosto, mandou fechar os consulados alemães em seu território; em Outubro, decretou a lei contra a espionagem, a fim de combater as atividades de agentes do Eixo. E finalmente, quando o Japão atacou território dos

Estados Unidos, em Dezembro, o México rompia suas relações diplomáticas com todas as três potências do Eixo, sob o fundamento de que as mesmas haviam se tornado inimigas de uma nação americana. Esta foi a interpretação mexicana às resoluções adotadas em Havana.

Agora que o México está na guerra, mais ampla e intensa está sendo a sua cooperação na defesa do hemisfério. O solo mexicano é riquíssimo em produtos minerais estratégicos, e desde Julho de 1941, que já estavam os Estados Unidos, por meio de acordo especial, recebendo todo o excesso exportável dessa produção. Suas forças militares e navais estão sendo consideravelmente aumentadas. Não será dado quartel em terra mexicana aos agentes do Eixo ou seus comparsas, que tentarem sabotar a mobilização bélica da nação. O Presidente Camacho justificou a suspensão das garantias constitucionais, prontamente votada pelo Congresso com a declaração de guerra, como medida necessária para habilitar o govêno a prevenir "atos de hostilidade da parte de estrangeiros residentes no México, e que possam estar a serviço do inimigo."

O México, portanto, pretende tornar-se um fator ainda maior no aperfeiçoamento e na defesa da solidariedade das Américas, pela qual se esforçou seu govêno.

Os recursos naturais mexicanos serão incalculável contribuição para as indústrias bélicas norte-americana e, conseqüente-

DESDE o início da nossa emancipação política, que a vida exterior do México tem sido um constante exemplo de honradez, dignidade e lealdade. Fieis aos postulados da democracia, sempre precouizamos a igualdade material e moral dos povos, sempre condenamos a anexação pela força das armas, sempre manifestamos o nosso respeito absoluto à soberania dos Estados e asseveramos o nosso interesse por encontrar uma solução harmoniosa e pacífica de todos os conflitos. Temos enfrentado sacrifícios, mas não opróbios. Temos conhecido o infortúnio, mas não a abdicacão.

E' nosso dever imperativo continuar em trajetória tão nobre. Eis porque venho a vossa presença, não com o intuito de reduzir a magnitude das privações que poderá significar para todos nós, durante anos, a medida que venho propôr. Sou o primeiro a reconhecer o esforço que vái exigir do país a situação em que nos achamos.

Mas, si não fizéssemos êste esforço, não iríamos perder, talvez, algo infinitamente mais valioso que a nossa tranquilidade e nossas vidas — a própria honra da pátria, a dignidade do nome do México? — Da mensagem do Presidente Avila Camacho ao Congresso Mexicano, a 28 de Maio.





Enorme massa popular reúne-se em Zócalo, na Cidade do México, para uma demonstração contra as nações do Eixo, pelo insólito ataque à dignidade e soberania da nação. No adro da catedral, jaz em câmara ardente o corpo de Rodolfo Chacon, morto por ocasião do torpedeamento do navio cargueiro mexicano "Potrero del Llano"



Tropas do exército mexicano atendem a um alerta na Baixa Califórnia. Grande parte das forças do moderno e bem equipado exército da república acha-se concentrada nessa área estratégica, ora defendida extraordinariamente contra qualquer tentativa de ataque ao continente norte-americano, principalmente nas imediações do Canal



Os representantes das Nações Unidas reúnem-se em Washington, para assistir à assinatura, pelo México e Filipinas, do pacto contra o Eixo. Vêm-se, sentados, da esquerda para a direita: Francisco Castillo Najera, Embaixador do México nos Estados Unidos, Presidente Roosevelt, Presidente Manuel Quezon, das Filipinas, e Secretário de Estado Cordell Hull

mente, para a vitória das Nações Unidas, das quais é agora o México um aliado ativo. Militarmente, a sua vigilância contribuirá para a segurança da costa do Pacífico, na parte norte do continente, e para a defesa do Golfo do México. Devido à sua situação geográfica — entre os Estados Unidos e as nações vizinhas do Canal do Panamá, a ação do seu governo virá intensificar-se de coordenação com a de outros governos da América Central, contra qualquer atividade de quinta coluna, visando sabotar aquele canal.

A participação mexicana na guerra, aliando-se à causa da consolidação do mundo sob os ditames do direito e da justiça, é uma honra e um estímulo para as Nações Unidas. O México, além de entrar com seus recursos materiais, entra com um ativo que se corporifica na brilhante mentalidade de seus estadistas, cujos serviços prestados ao cultivo das normas democráticas e ao panamericanismo, têm sido dos mais notáveis e constantes e realmente exemplares. A política comercial da república, assim como a

sua própria política econômica, ligar-se-ão cada vez mais, em seus objetivos, às dos Estados Unidos, com os quais mantém o México presentemente mais de 90 por cento do seu comércio exterior. Estas íntimas relações econômicas, devidas principalmente aos efeitos dos primeiros dois anos de guerra, que causaram a paralização de seus outros mercados, serão agora fortalecidas pela beligerância comum das duas nações vizinhas contra o Eixo. Como aliadas, seus objetivos políticos e necessidades econômicas, coincidem entre si e com as das demais Nações Unidas. Como exemplo, pode citar-se o caso de certas dificuldades em restringir as atividades de firmas comerciais alemãs, italianas e japonesas no México. Seus negócios, que já estavam em declínio, cessarão agora completamente, pela falta de mercadorias e de fregueses. Tais firmas, assim como os bens dos nacionais do Eixo ficarão sob o controle do governo.

Seria forçar a veracidade afirmar-se que a opinião pública mexicana estava unânime a favor da declaração de guerra, quando o governo tomou essa

iniciativa. No México, como em qualquer outro país que entrou na guerra, tem havido relutância, devido a várias razões. Todavia, é digno de nota o fato de haver sido votada unanimemente no Congresso a declaração de guerra. Mesmo aqueles que teriam preferido um estado de não-beligerância, mostraram-se dispostos a apoiar a política de guerra do governo, logo recebesse a mesma o beneplácito do Congresso. Em face das dissensões internas mexicanas no passado, e considerando-se a atitude assumida pela nação, logo de início, em matéria de relações internacionais, a demonstração de unidade nacional que ora apoia a política governamental é de significação realmente notável.

Essa política baseia-se firmemente no respeito às normas democráticas e à soberania das nações, e também na adesão à solidariedade das Américas, conforme tem sido fartamente demonstrado pelo México em sua atitude anterior contra as forças brutais da agressão. É com inextinguível espírito de liberdade que o México se reúne às Nações Unidas.

CAUDAIS DE ARMAMENTOS

"É preciso que nos detenhamos um momento para avaliar a formidável realização dos americanos nestes dois últimos anos. De uma nação sem indústria de guerra digna desse nome, resolveram fazer o maior império bélico do mundo. E estão alcançando magnificamente os seus fins. Hoje estão realizando uma série de empreendimentos, dos quais, há um ano, nem se cogitava; estão dando execução a programas que há seis meses pareciam simplesmente fan-



tásticos. E todo esse trabalho de transformar uma nação pacífica em arsenal de guerra da democracia, representa o esforço de muitos homens — homens do governo, em Washington, oficiais do exército e da armada, líderes da indústria e do trabalho, simples cidadãos por toda parte, dispostos todos a trabalhar com afinco e a não medir sacrifícios." — (De um discurso de Donald M. Nelson, Presidente da Junta de Produção de Guerra.)

A produção de armamentos nos Estados Unidos já está atingindo os seus máximos estabelecidos. Tanto para o país como para seus aliados, isto constitui excelente notícia. Não quer dizer, entretanto, que o já elevadíssimo total da produção não continue a crescer no ano vindouro, triplicando ou quadruplicando as cifras atuais. O fato serve apenas para demonstrar que os Estados Unidos conseguiram efetuar a completa transformação de seus recursos humanos e materiais, para empregá-los na preparação militar do país. Cumpre notar também a circunstância de haver sido possível alcançar essa colossal produção unicamente com as fábricas que já existiam.

Mudanças, alterações e acréscimos naturalmente virão; mas torna-se cada vez mais evidente que o programa traçado pelo Presidente Roosevelt, em Janeiro último, e que envolvia enorme quantidade de aviões, navios e tanques, era, de fato, um programa na altura da capacidade produtiva da indústria nacional. Suas fábricas estavam realmente em condições de enfrentar um trabalho de agigantadas proporções.

Para aqueles que organizaram os planos do trabalho, os índices ora atingidos não vieram causar surpresa alguma. Há sempre, para qualquer país, um limite de produção, que está em relação direta com a sua população e seus recursos fabris e naturais. A Alemanha atingiu o seu limite há anos passados. Em verdade, peritos nos Estados Unidos e na Inglaterra são de parecer que a produção germânica começou a declinar em Julho de 1941. A produção industrial norte-americana já alcançou e ultrapassou o máximo da produção nazista, e está sempre prosseguindo.

O que veio realmente causar surpresa, foi a brevidade com que a indústria dos Estados Unidos conseguiu atingir os índices ora registrados. As potencialidades da produção de armas em grande escala, por exemplo, têm pasmado até mesmo os maiores especialistas no assunto. Em comparação com o que



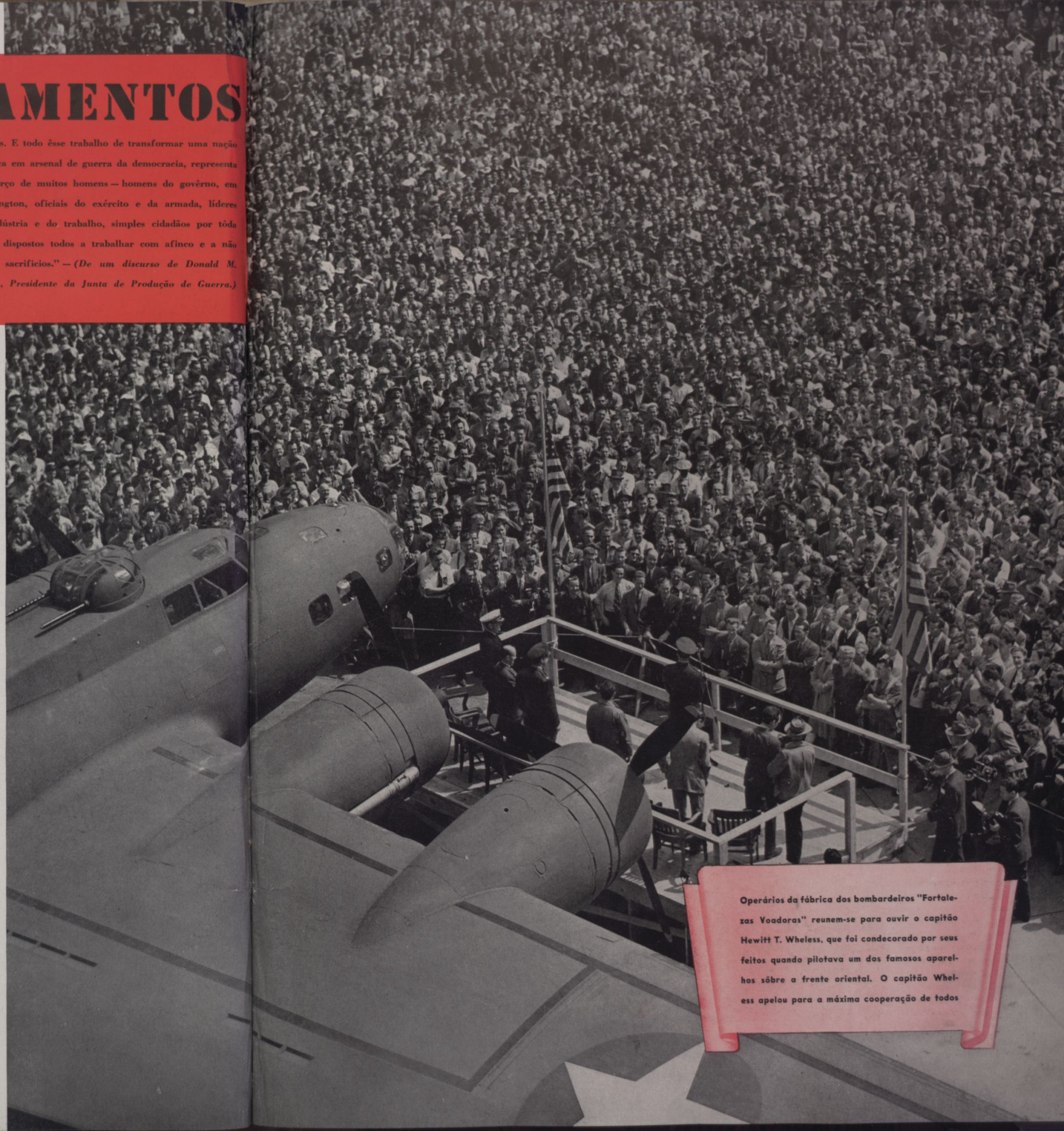
Uma peça anti-aérea movel é descarregada de um transporte norte-americano, pronta para entrar em ação na Austrália, onde se verifica grande concentração militar

está sendo feito atualmente, pode-se dizer que os americanos nunca viram antes a verdadeira produção em massa. Até hoje, a técnica desse método industrial foi sempre limitada pelas necessidades do mercado. Agora, pela primeira vez, as quantidades elevadíssimas exigidas pelo governo vieram proporcionar aos fabricantes o máximo de liberdade de ação. Não mais existe preocupação com as consequências que as restrições do mercado possam causar.

O Presidente Roosevelt, em 16 de Maio de 1940, deixou perplexos a nação e o mundo, quando se referiu ao seu orçamento de 1 bilhão e 182 milhões de dólares para a defesa nacional, acentuando o objetivo de construir-se 50.000 aviões por ano. Vários dentre aqueles que se julgavam senhores da matéria, não somente manifestaram a sua estranheza em face do programa presidencial, como afirmaram que a sua realização seria impossível. Esses incrédulos esqueciam-se de dois fatores importantes: a crescente indignação que se acentuava no país, causada pela derrocada de tantas nações, vítimas de covarde agressão, e a vasta produtividade de que era evidentemente capaz a gigantesca indústria norte-americana.

Mesmo aqueles que se mostravam inclinados a concordar com a praticabilidade dos objetivos do Presidente, não conseguiam ocultar suas dúvidas.

Apontavam eles a atitude de indiferença na nação em geral, observada em Junho de 1940. A gigantesca indústria de automóveis, por exemplo, achava-se então ocupadíssima, fabricando milhões de automóveis de passeio. Os estaleiros onde dois anos depois se construíam cargueiros de 10.000 toneladas em 70 dias, nem sequer existiam; seus respectivos locais eram ainda simples terrenos baldios e pântanos. Dentre dez mil donas de casa, não se poderia encontrar uma sequer que encarasse seriamente a possibilidade do racionamento de vários gêneros alimentícios. Para a mas grande indústria de aeroplanos, que,



Operários da fábrica dos bombardeiros "Fortalezas Voadoras" reúnem-se para ouvir o capitão Hewitt T. Wheelless, que foi condecorado por seus feitos quando pilotava um dos famosos aparelhos sobre a frente oriental. O capitão Wheelless apelou para a máxima cooperação de todos

TANQUES

em Maio de 1940, tanto se orgulhava de poder terminar 500 aviões por mês, um total de 50.000 aparelhos por ano atingia as raias do absurdo.

Mas, à proporção que se tornava mais aguda a crise na Europa e no Extremo-Oriente e mais evidente parecia a ameaça contra a vida livre e despreocupada dos americanos, em todas as classes nos Estados Unidos começou a notar-se uma mudança radical. Começou-se a encarar seriamente a execução de uma tarefa que competia a todos e que deveria ser terminada o mais depressa possível.

E assim, com o transcorrer de um ano, em Maio de 1941, já a produção de aeroplanos



era triplicada, alcançando um total de 1.500 aparelhos por mês. Em Março de 1942, a produção dobrava esse total. E desde então, com o início dos trabalhos nas grandes fábricas de bombardeiros instaladas no centro-oeste pela indústria de automóveis, a produção de aviões tem chegado a cifras ainda muito maiores. O acréscimo referente a aviões tem sido seguido de considerável desenvolvimento na fabricação de tanques e carros de assalto, aos milhares; de milhões de toneladas de navios de guerra e mercantes, assim como de canhões, granadas e bombas de todos tipos, em quantidades cujas cifras são verdadeiramente astronômicas.



Um tanque de fabricação norte-americana inicia a primeira etapa de sua longa viagem, em direção a algum campo de batalha, onde o seu valor já está se fazendo sentir



Por ser a fabricação de tanques essencialmente um problema de montagem—que a indústria de automóveis conhece tão bem, as fábricas de Detroit têm tido parte proeminente na produção dessas máquinas de guerra. Em cima: O possante M-3 de 28

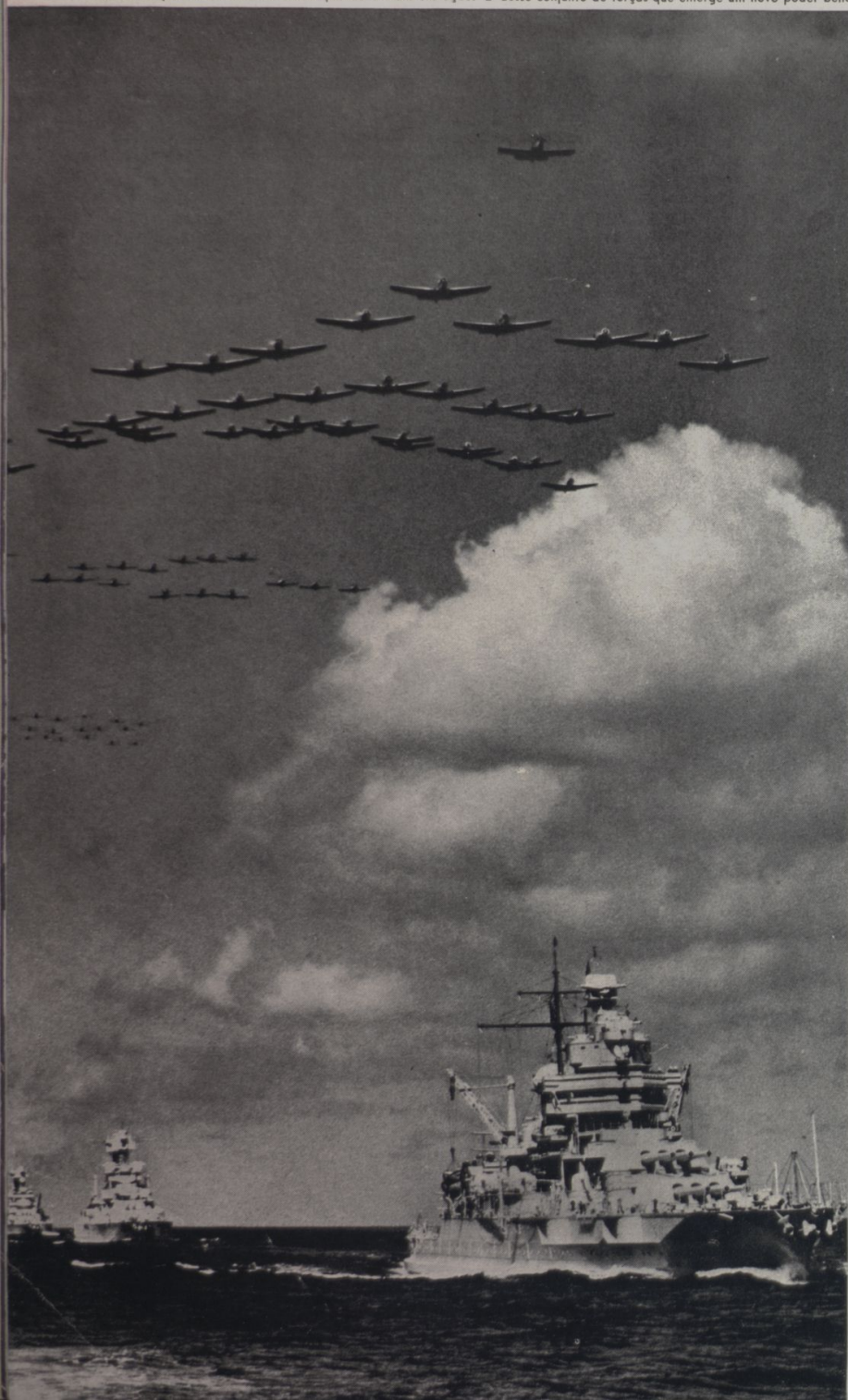
toneladas rola de cadeias triplices, de uma das fábricas de Detroit. Nesta oficina de quase dois quilômetros de extensão, a maior do mundo, as peças entram por um lado e pouco depois saem por outro, na forma de um tanque perfeito e acabado





AEROPLANOS

Protegida por um "pálio" de aviões, a esquadra dos Estados Unidos faz-se ao largo em formação de batalha. O navio de guerra não é mais obsoleto que o soldado de infantaria, mas na guerra moderna ambos precisam ser acompanhados de poderoso elemento aéreo quando entram em ação. E' desse conjunto de forças que emerge um novo poder bélico



Em tempo de guerra não é possível dispor de números exatos. E sem tal recurso, o aspecto total da produção de armas é vultoso de mais para uma fácil compreensão.

De uma maneira mais concreta, os feitos da indústria norte-americana podem ser enumerados de acordo com os resultados obtidos com a conversão total da indústria de automóveis, na área de Detroit.

Tome-se, por exemplo, a Chrysler Corporation, que tem a seu cargo a produção de mais de 30 importantes petrechos de guerra. Eis aqui uma lista parcial dos seus trabalhos ora sendo realizados: 1) Está fabricando tanques em tal quantidade, que poderá equipar anualmente várias divisões blindadas; 2) Iniciou a construção de enorme fábrica no centro-este, para a produção de motores de aviões; 3) Aperfeiçoou um novo motor à gasolina para tanques, que aumenta consideravelmente a velocidade dos tanques médios; 4) Está se preparando para produzir, em nova fábrica, milhões de cartuchos diariamente. Para se ter idéia de natureza deste trabalho, basta acentuar que as máquinas empregadas estão sujeitas, em virtude do atrito, a um desgaste inevitável de 2½ toneladas de aço por dia, e que serão precisos 700 operários especializados para substituir todos os dias, as peças gastas; 5) Está também fabricando, em grande quantidade, canhões anti-aéreos para o exército e a armada; 6) Já iniciou os trabalhos de sub-montagem de bombardeiros, para o exército, e bombardeiros de mergulho, para a marinha.

A Ford Motor Company é outro centro de prodigiosa atividade na produção de guerra em Detroit, e tudo que se faz em Detroit está sendo feito em escala proporcional em todos os demais centros industriais do país. A Ford destaca-se pela sua contribuição extraordinária para o vasto programa de construção de bombardeiros quadrimotores. Seus esforços neste sentido datam, aliás, de Março de 1941, quando cinco de seus engenheiros foram estudar a produção daquele bombardeiro, do tipo Consolidated, em San Diego, na Califórnia. Desde então, foi constante a presença de técnicos da Ford naquela fábrica, chegando a formar um grupo de 250 especialistas, que se interessavam por se familiarizarem completamente com os novos métodos de produção.

Na Consolidated, esses especialistas "dissecavam" um enorme bombardeiro, estudando-lhe todas as partes componentes. Não cogitavam de desenhar um novo tipo de avião. Traçavam apenas o plano para a produção em grande escala de um aparelho de qualidade comprovada. Para facilitar os respectivos estudos, as asas eram divididas em três partes, a fuselagem em duas, e a cauda passava a constituir parte separada. Todas estas partes, representando problemas isolados, eram ainda subdivididas, para melhor precisão de detalhes. E quando se terminava a análise da construção do bombardeiro, já se achava em andamento o projeto para a construção da fábrica que iria produzir esses monstros aéreos, em quantidades até agora nunca vistas.



Das fábricas de motores de aviões norte-americanas saem motores em número suficiente para equipar todos os aviões americanos e muitos russos e ingleses



Esta estatua gigantesca do Cristo domina a baía do Rio de Janeiro

Brasil

LOGO que o Hemisfério Ocidental foi atingido pela guerra, com o ataque japonês a território dos Estados Unidos, em Dezembro último, o Presidente Getúlio Vargas reuniu o ministério, examinou as consequências da situação internacional e proclamou a sua política nacional, em face do conflito que já assumia caráter mundial.

Essa política, conforme a enunciou o Presidente Vargas em mensagem que dirigiu ao Presidente Roosevelt, era uma política de solidariedade com os princípios ditados pelas tradições e deveres do Brasil.

A atitude assumida pelo governo brasileiro revelou-se imediatamente em sua ação. O Presidente Vargas e seu Ministro do Exterior, Osvaldo Aranha, manifestaram vigoroso apoio à causa da solidariedade continental, na Conferência dos Chanceleres, que se reuniu no Rio, em Janeiro. Em gesto incisivo, o Brasil rompeu suas relações diplomáticas, comerciais e financeiras com a Alemanha, Itália e Japão, mesmo antes de haver terminado a conferência.

Com o entusiástico apoio do povo, o governo brasileiro começou imediatamente a mobilizar os vastos recursos econômicos da nação a bem dos interesses e segurança continental. O Dr. Artur de Souza Costa, veio aos Estados Unidos, chefiando uma missão financeira que negociou vários acordos mutuamente vantajosos, para o desenvolvimento da produção de matérias primas estratégicas brasileiras.

A posição firme do Brasil entre as nações que se consagram aos ideais da Liberdade, destacou-se pela importância da sua estabilidade econômica e progresso industrial no continente sul-americano. Sua rápida transição, de país essencialmente agrícola, para uma potência industrial, constitui uma das extraordinárias revelações da história contemporânea. Produtos de manufatura brasileira, não somente estão suprindo as necessidades do mercado interno nacional, como também as de outras repúblicas do continente. A exportação brasileira está se destinando até aos mais distantes mercados da África do Sul. Embora continue a abastecer os Estados Unidos com crescente volume de suas matérias primas e outros produtos que têm encontrado rendoso mercado,

Rio de Janeiro, a única cidade no mundo onde a beleza natural se harmoniza com o progresso. Conhecida pelos turistas como uma das mais lindas metrópoles, o encanto da Guanabara aqui ressalta emoldurado pelo perfil majestoso das montanhas

tais como café, borracha, açúcar, cacau, ervas medicinais, manganês e bauxite, o Brasil está fornecendo alguns dos elementos básicos dos mais essenciais à produção industrial de guerra norte-americana. Dentre eles, destacam-se a mica, zinco, molibidênio, níquel, mercúrio, gipsum, grafite, piritos e diamantes industriais.

Há apenas pouco tempo, ao terminar a primeira guerra mundial, nem mesmo os planejadores econômicos mais otimistas do Brasil, teriam sido capazes de antever as surpreendentes mudanças que têm se verificado na produção desse país. Passou a ser uma produção polifórmica, de consumo universal, e que agora está sendo empregada em grande quantidade na defesa do continente americano. A presente guerra veio impulsionar o grande objetivo dos brasileiros, de se poderem bastar a si mesmos, através da produção de tudo quanto pudesse satisfazer às necessidades do país, o mais vasto do Hemisfério.

Presidente Getúlio Vargas, figura preponderante no congoçamento dos povos do Novo Mundo. Sob sua liderança, o Brasil tem alcançado enorme progresso industrial



O desenvolvimento das vias de transportes no Brasil tem sido constante e extraordinário. O país dispõe atualmente de 230.000 quilômetros de estradas de rodagem, contra 113.000 quilômetros, em 1930.

Na fase mais moderna dos transportes, que é a aviação, o país tem alcançado posição de invejável destaque, circunstância que é um tributo ao fato de ter sido um brasileiro, Santo Dumont, o primeiro aviador do mundo.

No área do Atlântico, Natal é o ponto mais próximo entre os hemisférios ocidental e oriental. Por isso mesmo, o Brasil está ativa e eficientemente preparando a defesa desse contorno estratégico vital da costa americana. Numerosas forças militares de todas as armas, dispondo do mais moderno equipamento, montam guarda à integridade territorial da nação e do continente. E a ilha de Fernando de Noronha constitui agora posto avançado, convenientemente fortificado para o mesmo fim.

O exército brasileiro, que em sua organização tem sido sempre um dos mais modernos do continente, teve seus efetivos aumentados pelo Presidente Vargas, de 50.000, em 1930, para mais de 100.000, e está agora se expandindo consideravelmente.

Sua aviação militar também se expande rapidamente. Duzentos de seus pilotos realizaram mais de dois milhões de quilômetros de voo no serviço aeropostal, em 1941. Trezentos cadetes de aviação militar estão fazendo seu curso, dispondo do que há de mais moderno, em instrução e aparelhos. A recente organização das Forças Aéreas Brasileiras fundiu a aviação militar e naval, e atualmente todos os pilotos civis, assim como os pilotos e demais tripulantes nas linhas aéreas comerciais acham-se também incorporados à F.A.B., sendo de notar que existem no país mais de mil pilotos amadores.

Sua esquadra, uma das maiores da América do Sul, está sendo acrescida de numerosas unidades, especialmente destroyers, construídos nos próprios estaleiros nacionais. Quanto à marinha mercante, a do Brasil é a quarta do hemisfério.

Política, econômica e militarmente, o Brasil está sendo, sem contestação, um elemento de grande projeção no conjunto das forças vivas que ora traçam, os grandiosos e sagrados destinos do Novo Mundo.

Com vias aéreas para a Europa e América do Norte e com vasto território a defender, as Forças Aéreas Brasileiras correspondem à tarefa



São Paulo com mais de um milhão de habitantes, é a capital do maior centro produtor de café do Brasil, e onde se desenvolvem extraordinariamente numerosas e importantes indústrias



Docas ultra-modernas nos principais portos do Brasil facilitam o movimento rápido do seu comércio exterior, tornando-se assim uma magnífica contribuição para o programa de guerra



Hoteis magníficos e edifícios grandiosos, de par com algumas das mais luxuosas casas de apartamentos, realçam as bem traçadas artérias da Cidade Maravilhosa



Itabira, em Minas Gerais, dispõe de ricos e inexauríveis depósitos de manganês e minério de ferro, agora, de importância vital à produção de guerra das Nações Unidas, em sua luta contra a dominação do Eixo

HITLER ODEIA BONS VIZINHOS

SÓ o tempo é capaz de pôr à prova a fé em homens, em idéias e governos.

Que fé resistirá à ação do tempo — a “nova ordem” de Hitler, que é subordinada à vontade de um único homem, e que se baseia na teoria da “superioridade de raça” — ou a fé do Bom Vizinho que é sujeita à vontade democrática e se funda na igualdade de todos os povos e tôdas as nações, grandes e pequenas?

E qual é a natureza dessa prova? Admitamos — e quem de boa fé poderá deixar de admitir — que a natureza da prova não possa ser senão uma questão de fatos possíveis de comparação, durante um certo período de tempo: por um lado temos os fatos tão indignos como o desrespeito à palavra dada; tão cruéis e evidentes como o criminoso derramamento de sangue; tão inexorável como o próprio tempo.

Vejamos que, em 1933, Adolf Hitler assumiu o poder na Alemanha. Ele pregava a doutrina da “raça superior” — a doutrina pela qual somente os povos germânicos eram capazes de governar o mundo. E começou imediatamente a pôr em prática a sua teoria.

A sua técnica era a falsidade; porque seu primeiro passo foi convencer o industrial, o homem de negócios, que nada tinham eles a temer do governo nazista.

E que aconteceu? A resposta encontra-se durante os anos que se seguiram, na incessante extinção de empresas comerciais e industriais, absorvidas pelo Estado Hitleriano ou por membros do partido nazista.

Milhões de outros alemães também foram atraídos, durante certo tempo, pelas palavras do Führer — alemães honestos, sinceros, humanos — esses que confiaram na sua palavra, quando ele jurou aceitar os princípios da Constituição de Weimar, porque isto lhe inspirava fé. Aos outros partidos políticos, Hitler comprometeu-se a aceitar a forma democrática de governo; aos fortes elementos católicos e luteranos, que recebiam as doutrinas pagãs expressas em “Mein Kampf”, o ritual de uma Igreja nazificada do Estado. Hitler estendeu a mão amiga do bom vizinho e prometeu a liberdade religiosa. Até mesmo os judeus, vítimas do seu profundo ódio nas páginas de “Mein Kampf”, “opus magnum” dos nazistas, foram poupados por algum tempo. Mas esta tranquilidade não durou muito — somente até Hitler e seus fanáticos asséclas acharem-se firmemente entrenchados no poder. Aí então, todos os pretextos foram postos de parte, e teve começo a história da mais cruel opressão e perseguição desde os tempos da Idade Média. Todos os partidos políticos foram abolidos. A longa tradição germânica da liberdade individual e liberdade de pensamento ficou esmagada sob o péso das botas das tropas de assalto. Nem mesmo as grandes congregações católicas e luteranas ficaram imunes à alucinação anti-Christo dos nazistas. E aqueles que confiaram em Hitler, quando ele afirmou que os alemães eram uma raça superior, breve certificaram-se de que não existia raça superior. Existia, isso sim, apenas um tirano — para a raça alemã.

Estes são os fatos inconcussos referentes a “nova ordem” dentro da Alemanha — fatos enunciados bombasticamente, nos próprios dis-

informe de escombros. Quarteirões inteiros ficaram sem um único edifício em pé. Mas, desde então, os próprios alemães já têm sentido o efeito de ataques aéreos do mesmo gênero dos que se compraziam eles em infligir a pacíficos vizinhos que não se mostravam interessados pela “nova ordem” de dominação nazista

curso de Hitler, para serem lidos pelo mundo inteiro. Mas, quanto aos Estados vizinhos da Alemanha?

Infelizmente, estes países foram também iludidos por algum tempo. A proporção que Hitler consolidava o seu poderio militar, secretamente à princípio e abertamente depois, ia ele dando de nação a nação, firmes garantias de não-agressão e de seus intúitos de confraternização internacional. Mas, sempre que extendia uma das mãos em efuziva demonstração de boa fé, com a outra ia dirigindo o mais sórdido sistema de discórdia a desmembramento que o mundo jamais viu.

O comércio, para os nazistas, tornou-se instrumento não somente de escorchante economia, como também de invasão política — porque a cruenta organização hitleriana se extendia em tôdas as direções, muito além das fronteiras da Alemanha. Firmas comerciais alemãs, noutros países, eram compelidas, sob pena de ameaças contra membros de suas famílias residentes na Alemanha, a custear as despesas da intriga nazista. Casas comerciais que noutras nações, mantinham negócio com a Alemanha, eram obrigadas a fornecer o nome de seus empregados aos agentes do Terceiro Reich. E, sob a ameaça de não comerciarem com a Alemanha, essas casas eram intimidadas a dispensar seus empregados que fossem considerados, pelos agentes nazistas, inimigos do Estado Hitleriano.

Essa foi uma das maneiras de infiltração daninha nos países vizinhos. Mas havia também outras táticas: por exemplo, a de lançar um grupo contra outro. Foi assim que a Sudetelândia foi jogada contra o resto da Tchecoslováquia, assim como eram os slovacos incitados contra os tchecos.

Eis como nações inteiras eram conquistadas subterraneamente pelos agentes de Hitler, antes de dar-se a invasão pelas tropas nazistas. A Áustria caiu em poder de Hitler, sem sequer resistir. Depois, seguiu-se o não cumprimento à palavra dada a várias nações que haviam tido a ilusão de poderem manter-se como bons vizinhos. Houve, por exemplo, as garantias dadas em Munich, depois de haver Hitler forçado a Tchecoslováquia a ceder a Sudetelândia, sob ameaça de invasão armada. Este, como tantos outros, foi um caso da aplicação da técnica hitleriana de iludir a boa fé de seus vizinhos, até o mo-

mento propício para a grande traição. E as garantias de respeito de neutralidade oferecidas por Hitler a nações tradicionalmente neutras foram cnicamente anuladas, assim como os compromissos de não-agressão.

Depois do que aconteceu à Tchecoslováquia e Polônia, à Holanda, Noruega e Dinamarca, poderá haver alguém que ainda duvide dessas verdades?

Até Mussolini, antes um estardalhante comparsa, acha-se agora na humilhante posição de réles lacão. E o povo italiano, ao qual Hitler havia conferido a distinção de ser um “associado” da “raça superior”, — o povo italiano, cuja pátria está hoje ocupada e controlada pelas hordas do exército e da Gestapo nazistas, como qualquer outro país conquistado da Europa, esse povo também já sabe que não existe nenhuma raça superior, mas apenas um tirano — Hitler.

Em verdade, em 1933, a “nova ordem” estava apenas começando a submeter-se à sua “prova de tempo”. E que estava acontecendo então, em terras das Américas?

A Europa começava, inegavelmente, uma era de extremado nacionalismo e tôdas as suas inevitáveis consequências. Mas, felizmente para os povos do Novo Mundo, havia uma política inspirada no seu longo e tradicional espírito de panamericanismo.

Para se falar francamente, a tradição desse espírito havia sido sempre mais evidente nas demais Repúblicas Americanas do que nos Estados Unidos. De fato, pode-se afirmar que o espírito de panamericanismo conseguiu manter-se firme em certas ocasiões, mesmo a despeito da atitude da América do Norte. O importante, entretanto, é que a essência desse espírito manteve-se impercível. E assim sendo, precisava apenas de um estímulo para se desenvolver em toda a sua pujança.

Esse estímulo veio de duas maneiras. Primeiro, verificou-se um renascimento espontâneo de panamericanismo, como verdadeiro antídoto contra a loucura nacionalista que se alastrava pela Europa, e também contra a política agressiva do Japão na Ásia. Nas camadas pensantes das Américas, aqueles que procuravam um meio de congregar os nossos povos, certificaram-se de que era bastante fortalecedor o velho e tradicional espírito panamericanista. Em seguida houve a enunciação da política de Boa Vizinhança pelo Presidente Franklin D. Roosevelt, logo após a sua posse do cargo, em 1933. — com a afirmação da doutrina pela qual tôdas as nações são invioláveis, e todos os povos, grande e pequenos, têm o direito de se reunirem em conferência como iguais.

A declaração desta política era extensiva a todo o mundo agitado. Mas foi externada especificamente para os povos e nações das Américas.

A ocasião era de grande crise econômica no mundo inteiro. As relações econômicas internacionais achavam-se interrompidas e a calamidade fazia-se sentir em toda parte. A estrutura da paz mundial permanecia intacta, mas em suas bases já se presentiam os surdos sintomas da catástrofe iminente.

As relações entre as nações americanas deixavam ainda a desejar. Causas de desconfiança, de apreensão e desunião tinham de ser extirpadas. Só assim poder-se-ia esperar que prevalecesse no continente a política da Boa Vi-



Hitler — líder dos nazistas

O bombardeio de Rotterdam foi um dos exemplos mais diabólicos de crueldade militar nos tempos modernos. Mesmo depois de haver o alto somando das forças holandesas declarado formalmente a sua rendição, centenas de aviões de bombardeio nazistas projetavam-se sobre a cidade indefesa, reduzindo-a a uma massa



Crianças britânicas do campo procuram abrigo numa trincheira rasa, enquanto passam os aviões de bombardeio nazistas. As mais pequeninas não conhecem outra vida, senão a de verdadeiro pavor. E a aproximação de aeroplanos, lhes traz sempre à mente a impressão da destruição e da morte, que elas não compreendem

zinhança; só assim poderiam os povos livres e independentes de vinte e uma nações estabelecer bases firmes para as suas relações pacíficas e proveitosas entre si e com o resto do mundo.

Foi sob essa atmosfera que se reuniu a Sétima Conferência Internacional dos Estados Americanos em Montevideo, em Dezembro de 1933. Foi numa situação que desafiava a capacidade dos estadistas do Novo Mundo. Mas eles souberam corresponder à necessidade que se impunha de firmar as bases da nova estrutura das relações interamericanas, com princípios de aplicação universal. Nessa reunião, as Repúblicas Americanas tomaram medidas efetivas para manter a paz intercontinental, concordaram quanto a uma política recíproca de não-intervenção e adotaram um programa económico de benefícios mútuos, baseado no princípio da igualdade de tratamento.

Assim, mostraram-se as Américas determinadas a manter em suas relações entre si, um código de ética que se tornou um exemplo para o resto do mundo. Porque

isto passou a ser mais do que um simples ideal: corporificou-se num verdadeiro programa de ação. Mas, naquela ocasião, êste era um programa quasi tão vago quanto as doutrinas da "nova ordem" de Hitler.

O tempo, entretanto, trouxe a sua decisão. As Repúblicas Americanas, desenvolvendo carinhosamente esta nova fase de panamericanismo, deram provas cabais da sua determinação de agir de conformidade com os ditames do novo sistema nas relações interamericanas.

Firme e vigorosamente foi-se, então, revelando a fé na integridade recíproca como inabalável política do hemisfério. E a tal ponto, que ao extender-se pelo mundo a agressão da "nova ordem", tôdas as nações americanas achavam-se mais unidas do que nunca.

Essa unidade atingiu o seu apogeu, depois do episódio de Pearl Harbor, com a Conferência de Chanceleres do Rio de Janeiro. As garantias da política

de Boa Vizinhança haviam sido cumpridas tão fielmente, que todos os delegados interamericanos adotaram unanimemente a seguinte resolução, de alta significação histórica:

CONSIDERANDO:

1— Que a sociedade entre os Estados, para que tenha as bases que lhe assegura a ordem jurídica internacional, deverá fundar-se no princípio imperativo e universal de justiça;

2— Que a norma, proclamada e realizada pelos Estados Unidos da América, de que sua política internacional deve modelar-se na de "boa vizinhança" constitue critério geral de retidão e fonte reguladora das relações entre os Estados; que a referida fórmula, com fecundo alcance, prescreve o respeito aos direitos fundamentais dos Estados, assim como a cooperação entre eles, para o bem estar da sociedade internacional; e

3— Que ela foi um dos antecedentes criadores da atual solidariedade das Américas e de sua co-

operação coletiva na solução dos transcendentais problemas do Continente.

DECLARA:

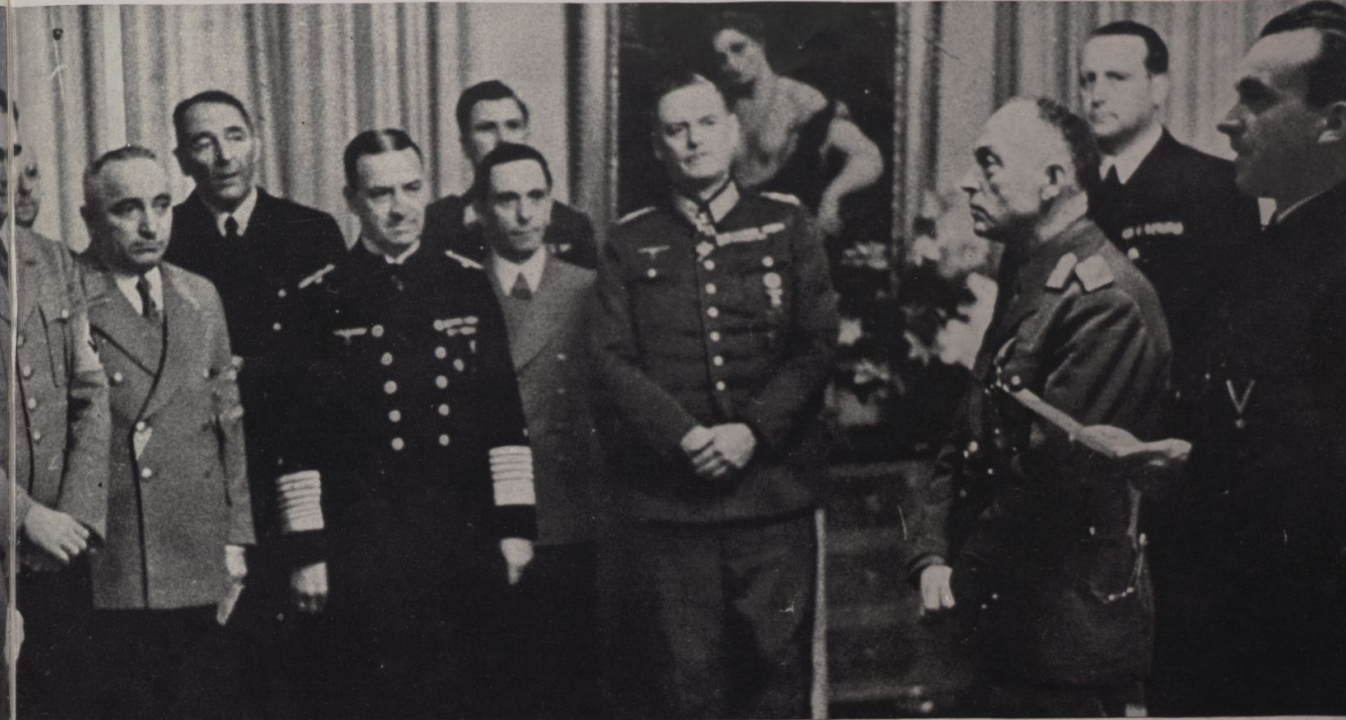
Que o princípio de que o proceder internacional há-de inspirar-se na política de "boa vizinhança" constitue norma de direito internacional do Continente Americano."

Hoje, o panamericanismo orienta-se pela Carta do Rio de Janeiro. Nela se antevê o dia em que as nações americanas possam estabelecer uma existência digna de seus povos.

Inspirados no supremo respeito à comunhão de seus interesses, êses povos bem sabem que não medrarão nas terras da América a insidia e a discórdia com que pretendem os régulos do Eixo abrir caminho para suas conquistas no Novo Mundo. Nêste, permanece inflexível a determinação de moldarem seus povos os seus próprios destinos, em bases que representam verdadeiras conquistas da raça humana, porque constituem a essência da própria civilização.



Hitler contempla mais uma de suas vítimas, a 22 de Novembro de 1940, poucas semanas depois de haver assinado o pacto de não-



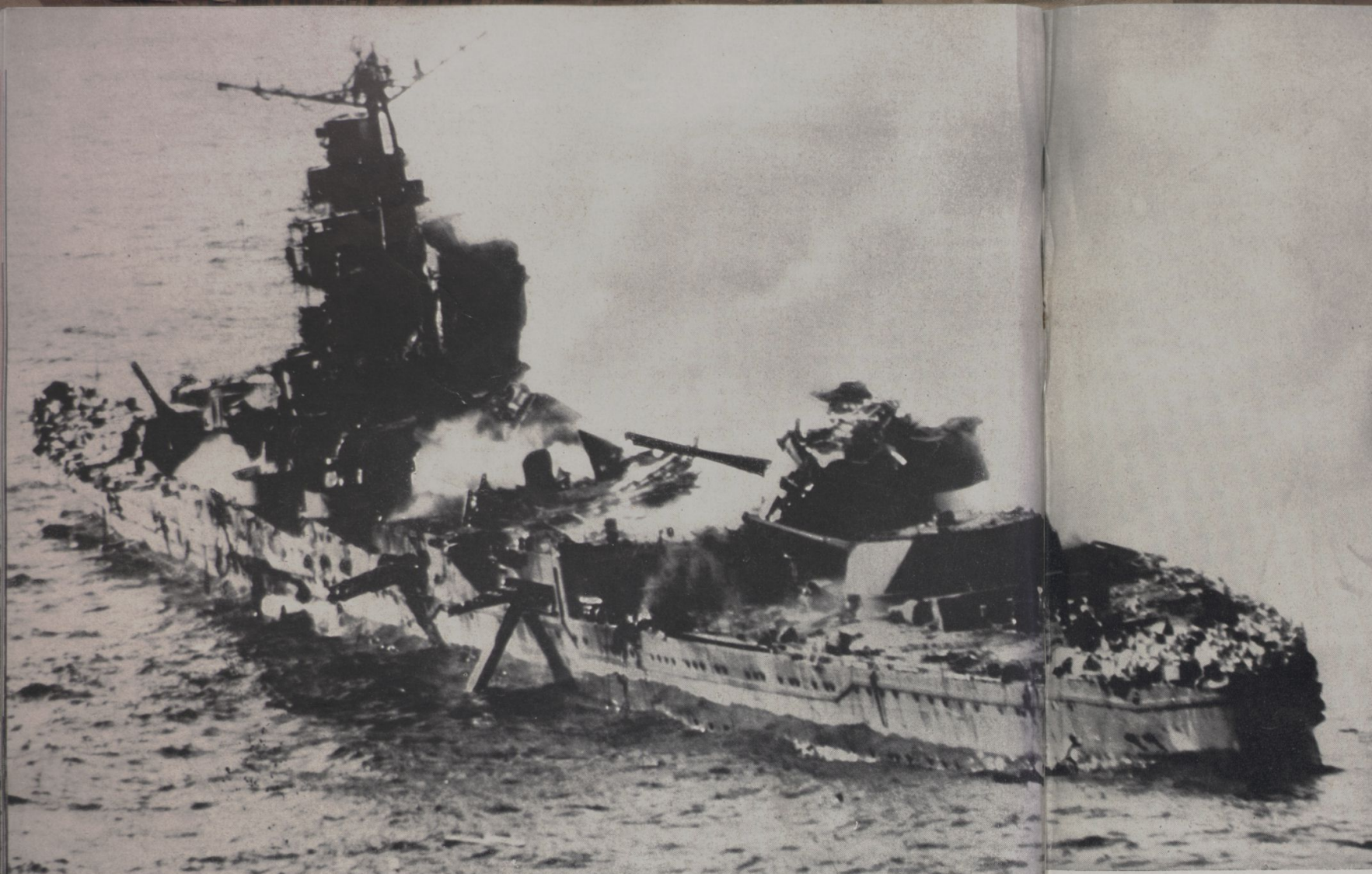
agressão com a România. Volta-se a representar a tragcomédia habitual, com adequada paródia de correção diplomática, tão característica das normas da "nova ordem" nazista na Europa. O primeiro ministro romeno, Antonéscu (à direita), como um reles subordinado, informa-se, em Berlim, das condições impostas para que sua pátria, como nação, pudesse existir



Um francês enfrenta a morte. Seu crime: apenas o fato de ser francês, durante os mortifínios praticados pelos nazistas contra inocentes refens, vítimas da mais cruel represália



Ceremônias de verdadeiro paganismo, como esta, foram introduzidas na Alemanha Cristã, quando o nazismo assumiu o poder, em 1933. É política estabelecida pelo partido nazista, a extinção da religião cristã, para substituí-la pela adoração pagã que os povos da raça teutônica costumavam praticar há 2.000 anos. Tanto a Igreja Católica como a protestante, na Alemanha, são rigidamente controladas pelo nazismo, e muitos de seus clérigos são frequentemente "detidos" em campos de concentração



O poder de ataque do aeroplano fica demonstrado por esta fotografia de um cruzador japonês, destruído por aviões dos Estados Unidos, durante a batalha de Midway.

A BATALHA DO PACÍFICO

O HEMISFÉRIO Ocidental tem sua segurança fortalecida em consequência da derrota sofrida pelo Japão, nas duas grandes batalhas aéreo-navais que assinalaram o fim dos primeiros seis meses de guerra no Pacífico.

Essas duas batalhas, que custaram ao Japão o afundamento de mais de 25 navios de guerra, além de outros 40 ou mais, seriamente avariados e centenas de aviões destruídos, arrebatou aos japoneses a iniciativa de ofensiva por eles revelada no ataque de Pearl Harbor, em Dezembro último, e demonstrou que as forças navais e aéreas dos Estados Unidos estão aptas para uma ação vital no Pacífico.

A batalha do Mar de Coral, ocorrida a mil milhas da costa nordeste da Austrália, teve origem na tentativa japonesa para movimentar suas forças navais e aéreas reunidas nas Ilhas de Salomão, a fim de cortar as linhas de abastecimentos dos Estados Unidos para Austrália, e, possivelmente, invadir este país. O perfeito serviço de reconhecimento aéreo aliado descobriu a concentração inimiga. E o ataque seguiu-se sem perda de tempo, preciso e fu-

rioso — mas não por parte dos japoneses. Aviões norte-americanos, de bases terrestres e marítimas, projetaram-se sobre o inimigo, tomaram a ofensiva e mantiveram-na até o fim.

A batalha durou quase um mês, havendo perdido os japoneses 15 vasos de guerra, inclusive um porta-aviões e quatro cruzadores, e 100 aviões. Os americanos, que perderam apenas três navios e alguns aeroplanos, pagaram muito pouco por esta vitória.

As autoridades navais americanas julgaram conveniente protelar, durante várias semanas, a divulgação dos resultados da batalha do Mar de Coral, assim como o movimento de seus navios. O segredo justificava-se, porquanto proporcionou maiores garantias às unidades navais e aéreas em ação no Pacífico-sul e facilitou mais tarde a preparação de uma vitória ainda maior.

Esta vitória foi conquistada ao largo da Ilha Midway, situada a 1.150 milhas a noroeste de Pearl Harbor, no ponto extremo de um extenso banco de coral. Primeiro, pequenas forças aéreas japonesas

bombardearam Dutch Harbor, no Alaska. No dia seguinte, patrulhas aéreas americanas, a centenas de milhas da costa, observaram duas esquadras inimigas navegando rumo a Midway. Dado o alarme, dezenas de bombardeiros e aviões de combate foram imediatamente ao encontro das forças navais nipônicas, atacando-as incessantemente, a despeito da defesa formada por forças aéreas com base em porta-aviões.

Ao terminar a batalha, a frota japonesa de mais de 90 unidades de diversos tipos e transportes, havia sido rechaçada, com a perda de 15 a 18 navios afundados ou avariados. Quanto aos seus porta-aviões, quatro foram destruídos e um seriamente avariado.

A presença de transportes de guerra na frota inimiga indicava tratar-se de uma invasão, com o fim, talvez, de apoderar-se da Ilha Midway, como operação preliminar para um ataque a Pearl Harbor ou a todo o arquipélago do Hawaii. Se este plano fosse bem sucedido, teria perigado o continente americano. A eficiência da ação das forças defensoras, porém, reduziu a um fracasso o audacioso intento.

Na luta do Pacífico, o porta-aviões emergiu como a mais importante unidade da marinha de guerra.

Notem-se torpedos parcialmente lançados, à borda do navio

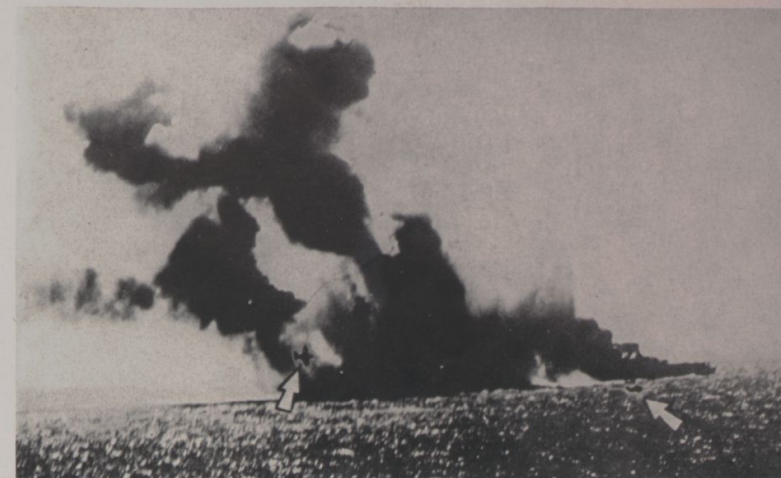
Tanto na batalha do Mar de Coral como na de Midway, nenhum vaso de guerra chegou a aproximar-se do inimigo a uma distância eficaz de tiro. Dêles não se disparou um tiro, exceto contra aviões adversários.

No início das hostilidades no Pacífico, o Japão tinha a supremacia de aviões e de porta-aviões. No Mar de Coral e em Midway essa supremacia desapareceu, conforme demonstra o cotejo das perdas de ambos os beligerantes:

	PERDAS JAPONESAS					
	Coura- cados	Porta- Aviões	Cruza- dores	Destroy- ers	Outros	Total
Afundados	1	5	11	16	120	153
Provavelmente afundados	—	3	5	5	22	35
Avariados	5	2	33	9	50	99
	6	10	49	30	192	287

	PERDAS AMERICANAS					
	Coura- cados	Porta- Aviões	Cruza- dores	Destroy- ers	Outros	Total
Afundados	1	1	1	10	25	38
Avariados	1	1	2	4	2	10
	2	2	3	14	27	48

(OBSERVAÇÃO: As perdas japonesas referidas acima representam uma compilação não-oficial feita de comunicados do exército e da marinha, em Pearl Harbor, pelo almirante Chester W. Nimitz, e na Austrália, pelo quartel-general das Nações Unidas, através do general Douglas MacArthur. As cifras não incluem navios japoneses afundados ou avariados por forças holandesas ou britânicas. As perdas americanas foram obtidas no Departamento da Marinha dos Estados Unidos. A compilação acima não se refere ao afundamento de um cruzador japonês nem a avarias de outros oito também japoneses, na região das ilhas Aleutias, poucos dias depois da grande batalha de Midway descrita neste artigo.)



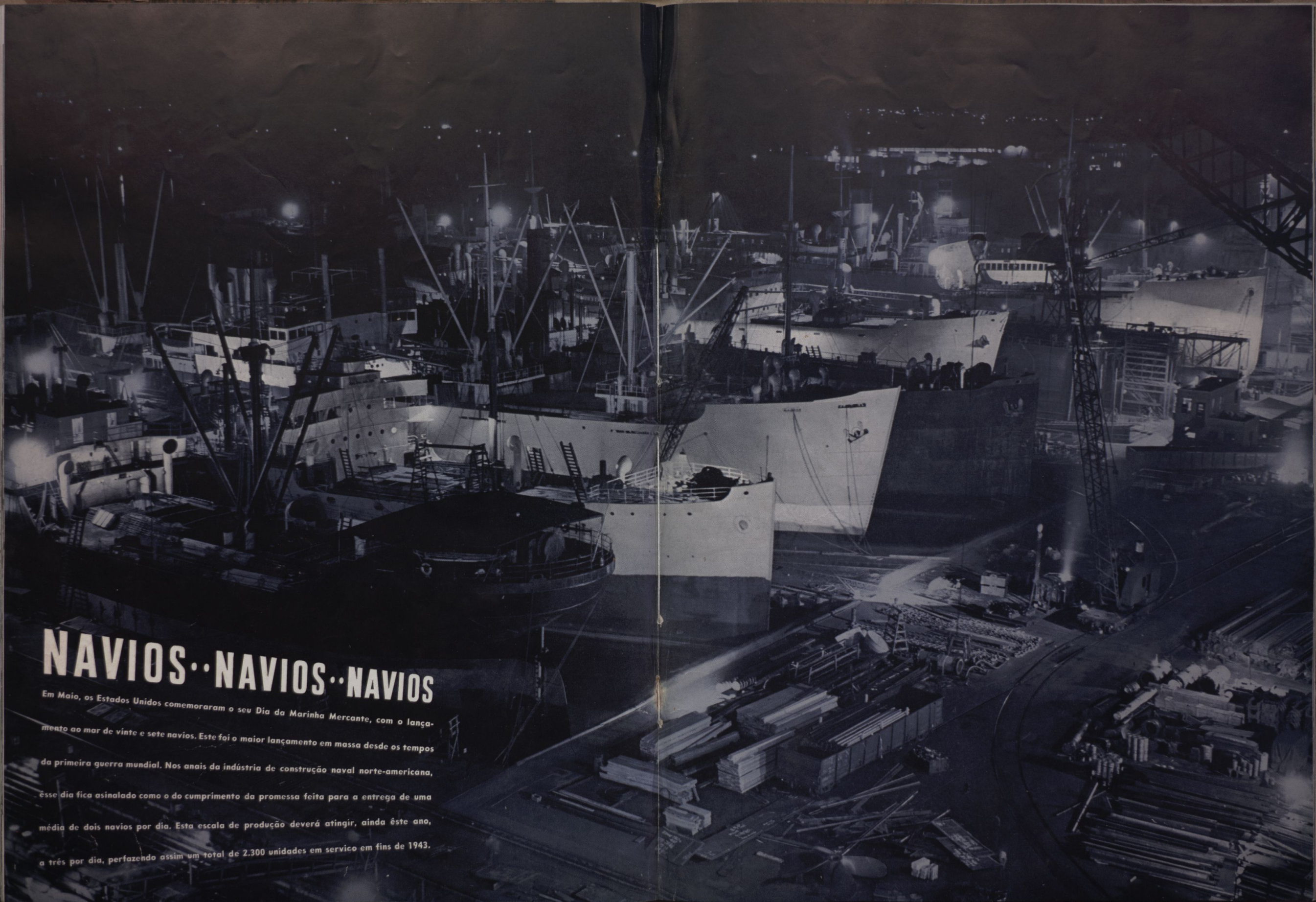
O navio porta-aviões japonês "Ryukaku" arde por todos os lados depois do ataque levado a efeito por aviões-torpedeiros norte-americanos, na batalha aéreo-naval do Mar de Coral. Nesta fotografia pode ver-se claramente (flechas) dois dos aeroplanos atacantes em rápida manobra para lançar alguns de seus derradeiros torpedos



Enquanto o malsinado porta-aviões nipônico procura a todo custo escapar à intensidade do ataque, recebe mais uma formidável bomba, assinalada pela massa de fumo à prôa do navio, e que o impediu de lograr o seu intento



O navio inimigo encontra-se em seus últimos momentos na tremenda luta. Attingido por quinze bombas e dez torpedos, vai a pique, com a maior parte de seus aviões a bordo, poucos minutos depois de iniciado o eficaz ataque



NAVIOS • NAVIOS • NAVIOS

Em Maio, os Estados Unidos comemoraram o seu Dia da Marinha Mercante, com o lançamento ao mar de vinte e sete navios. Este foi o maior lançamento em massa desde os tempos da primeira guerra mundial. Nos anais da indústria de construção naval norte-americana, esse dia fica assinalado como o do cumprimento da promessa feita para a entrega de uma média de dois navios por dia. Esta escala de produção deverá atingir, ainda este ano, a três por dia, perfazendo assim um total de 2.300 unidades em serviço em fins de 1943.



A Sra. O. C. Hobby, Diretora do recém-formado Corpo Auxiliar Feminino do Exército, conferenciando em seu gabinete, em Washington, com o Capitão J. D. Le Vien



Candidatas aos quadros de oficiais do Corpo Auxiliar obtêm suas fórmulas para a inscrição, no Posto Central de Recrutamento Militar, em Washington. Esta cena repetiu-se em outros postos



Os uniformes que as mulheres do exército feminino usarão. Da esquerda para a direita: Uniforme de inverno, de oficial; uniforme de verão, e uniforme de auxiliar



Phyllis Damon, de 22 anos, de Nova York, faz a continência militar, com um sorriso, depois de alistar-se como oficial do Corpo Auxiliar do Exército. Antes, ela era ajudante de enfermeira num hospital, e provavelmente continuará em idêntico trabalho no Exército

EXÉRCITO

AO homen tem sempre cabido o dever de empunhar armas na guerra, e é possível que sempre seja assim; mas a guerra moderna oferece novo campo para a atividade da mulher, por trás das zonas de combate. Ela não precisa munir-se de armas ofensivas para prestar relevantes serviços à pátria. Inúmeras tarefas diretamente ligadas ao serviço militar podem ser executadas pelo elemento feminino, que dessarte contribui para o aumento dos efetivos militares combatentes da nação. Se mulheres não tomassem a si tais encargos, seriam necessários homens para fazê-lo, o que redundaria em desfalcas, das linhas de frente, considerável e valioso número de soldados de todo indispensáveis.

Nos Estados Unidos, pela primeira vez, organiza-se um Corpo Feminino Auxiliar do Exército, que provavelmente irá contribuir para que 150.000 homens possam ser incluídos nas atividades combatentes.

Conquanto não seja o Corpo Auxiliar parte componente do exército, constitui o mesmo a única organização feminina para serviços militares correlatos, com exceção das atribuições inerentes ao corpo de enfermeiras, que é considerado oficialmente uma classe anexa às forças armadas do país.

As unidades do Corpo Auxiliar Feminino poderão ser designadas para prestar serviços em zonas de operações, dentro e fóra do território nacional, mas sempre em encargos não-combatentes.

O Corpo, em devido tempo, assumirá o Serviço de Alarma Aéreo, numerosas e variadas funções administrativas e quaisquer outras compatíveis com a sua criação. Será sujeito à disciplina militar, terá uniformes especiais, aquartelamento e todos os direitos peculiares à sua organização.

FEMININO

A incorporação das voluntárias não se efetuará senão depois que estiverem organizados e devidamente treinados os quadros de oficiais e inferiores, e isto deverá absorver aproximadamente três meses. A formação desses quadros já se está processando regularmente.

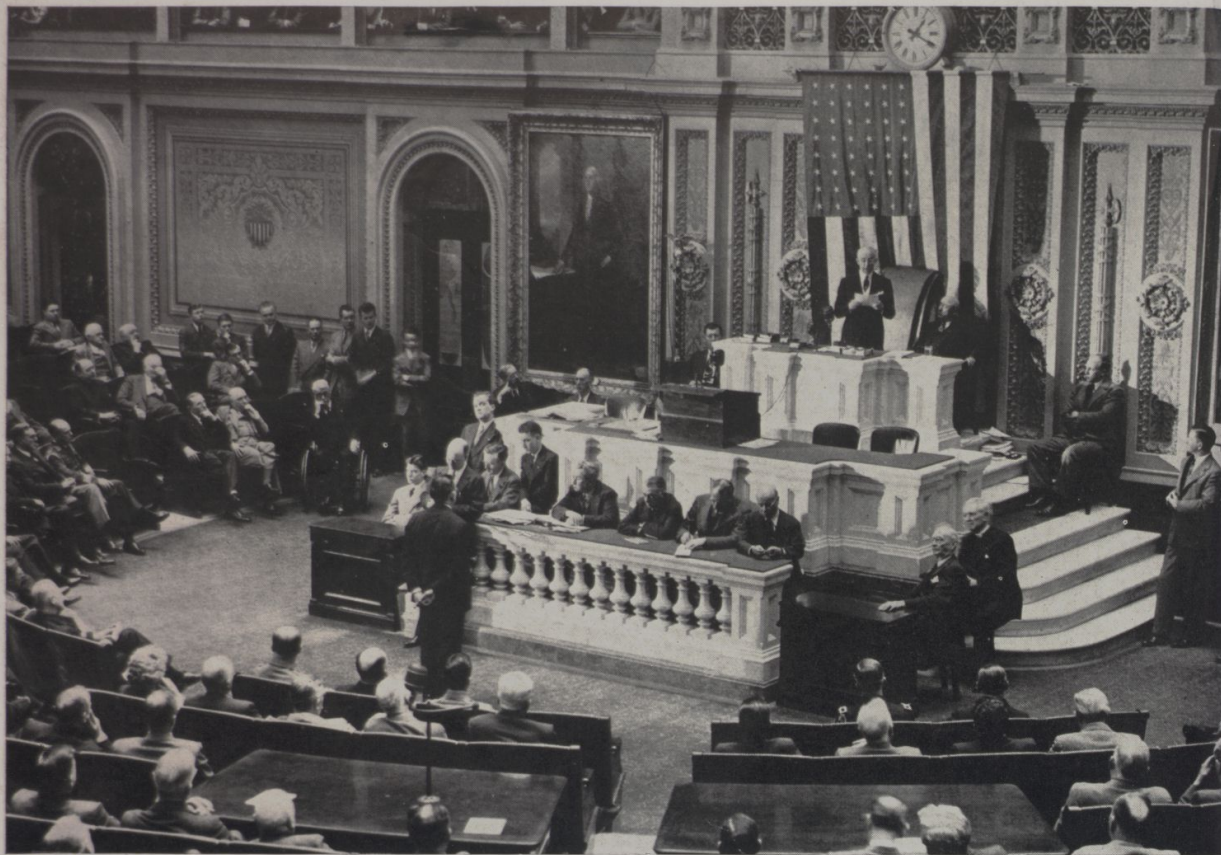
Coube a uma filha do Estado do Texas, a Sra. Oveta Culp Hobby, a direção geral do Corpo Auxiliar Feminino. Ela já tem exercido vários mandatos na legislatura do seu Estado natal, tem se distinguido como jornalista, escritora e diretora de banco, além de manter constantes atividades cívicas e políticas, dentro do seu próprio partido, o Democrata, e de ser presidente da Liga de Eleitoras do Texas. Tem dois filhos, e os cabelos grisalhos que lhe emolduram o semblante ainda jovem — 37 anos — atestam a sua constante atenção ao trabalho em campos tão variados. Tem revelado sempre grande eficiência e perfeitas qualidades de diretora, impondo-se ainda à estima geral, pelos seus dotes de coração e inteligência.

Ao assumir o encargo que ora lhe confia o governo, ela é a primeira a reconhecer a excepcional importância de suas funções na hora presente.

Para o quadro de oficiais, serão selecionadas as candidatas entre 21 a 45 anos de idade, podendo ser casadas ou solteiras. Deverão ter pelo menos o curso secundário, além de satisfazerem a todas as qualificações físicas e morais. O uniforme e equipamento será fornecido pelo governo, e o tempo de serviço será de um ano. A critério do Ministério da Guerra, porém, esse tempo poderá estender-se por todo o período da duração da guerra, e a um máximo de seis meses após a cessação das hostilidades.



Miss Laughing Eyes (Olhos Sorridentes), índia pele-vermelha, de Muskogee, Estado de Oklahoma, apresenta-se no posto de recrutamento, em completa indumentária indígena, para alistar-se. Ela tem um irmão na marinha da guerra e também quer prestar seus serviços



O Dr. Manuel Prado, Presidente do Perú, assegura ao Congresso dos Estados Unidos "a inabalável decisão do Perú de cooperar resolutamente na causa comum da defesa do continente e dos princípios democráticos." Em sua mensagem, posteriormente, aos povos latinos, S. Excia. reafirmou a sua convicção no triunfo da causa sagrada da democracia

A VISITA DO PRESIDENTE PRADO

O Presidente Manuel Prado, do Perú, tornou ainda mais firmes os laços de amizade entre as duas repúblicas irmãs, Perú e Estados Unidos, e contribuiu para o fortalecimento da causa da solidariedade panamericana, durante sua visita oficial à nação norte-americana.

O Presidente Prado, primeiro presidente sul-americano a visitar os Estados-Unidos durante o exercício do cargo, teve oportunidade de percorrer em minuciosa visita as indústrias de produção de guerra, e centros militares, podendo observar o espírito e o propósito alerta do povo norte-americano, agora disposto a todos os extremos a bem da vitória total.

De acordo com as próprias palavras do primeiro magistrado peruano, a sua visita confirmou a fé no triunfo de uma causa apoiada por todas as Américas.

Chegando de avião a Washington, S.Excia. foi recebido, no aeródromo, pelo Presidente Roosevelt e o Secretario de Estado Cordell Hull. O Presidente Roosevelt deu-lhe as boas vindas com estas simples palavras:

"Tenho prazer de vê-lo aqui."

"Tenho prazer em estar aqui, Sr. Presidente," respondeu o Dr. Prado.

Durante a sua visita, o Chefe de Estado peruano viu bombardeiros sendo construídos em Detroit, tanques em produção nas fábricas da Chrysler, aviões de combate e os céleres Warhawks em Buffalo,

assim como os trabalhos no Arsenal de Marinha de Brooklyn, em Nova York.

Ao visitar o Congresso dos Estados Unidos, o Presidente Prado, em discurso, afirmou: "Por mais fortes que sejam as forças de opressão e do despotismo, por mais penosos que sejam os sacrifícios impostos aos povos que lutam a bem dos direitos da civilização, tais forças e sacrifícios serão dominados e o sol da Liberdade mais uma vez raiará para todos os homens de boa vontade."

Acêrca de tudo quanto viu, S.Excia. referiu-se em especial mensagem pelo rádio, dirigida às Repúblicas Americanas, e transmitida pela estação WICD e pela rede panamericana da National Broadcasting Company:

"Neste momento de minha partida dos Estados Unidos, levando comigo a vívida e inesquecível recordação de tantas cortezias com que fui distinguido durante minha visita oficial a esta grande nação, felicito o povo latino-americano com palavras que encerram o sentimento de profunda compreensão e sincera amizade que tive o privilégio de observar, em todas as importantes cidades e centros industriais que visitei, como sendo o espírito que predomina no povo dos Estados Unidos em suas relações com as repúblicas irmãs do continente americano.

Sinto grande contentamento por ter-me sido possível desempenhar, dentro das minhas capacidades, uma tarefa de tamanho interesse e responsabilidade

para os nossos povos e dirigentes, qual seja a de fortalecer os laços de mútua amizade e entendimento entre as nações.

Mas, no presente caso, esta tarefa tem importância extraordinariamente vital para os nossos países, porque a sua solidariedade hoje é condição primordial para a manutenção da sua independência e até da sua própria existência, ameaçada por aqueles que pretendem dominar o mundo pelo domínio da força.

Que minhas palavras possam levar a todas as repúblicas irmãs da América, a minha fé e confiança no triunfo da causa da democracia."

A visita do Presidente Prado durou de 6 a 22 de Maio. Neste último dia, S.Excia. partiu de avião, para fazer uma série de visitas oficiais a Cuba, Panamá, Colômbia e Venezuela, antes de regressar a Lima.

O Dr. Prado, que recebeu entusiásticas aclamações populares em todas as cidades que visitou, é, aos 53 anos de idade, um dos chefes de Estado mais moços do mundo e tem-se destacado como um liberal e propugnador de muitas reformas sociais no Perú. Engenheiro, intelectual e financista, além de estadista de renome, Manuel Prado graduou-se pela Universidade de San Marcos de Lima, a mais antiga instituição de ensino no Hemisfério Ocidental. Lecionou nessa famosa universidade, por algum tempo, como deão da escola de matemática superior.



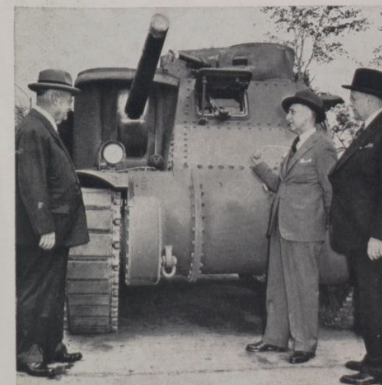
O Presidente Prado em palestra com o Secretário Hull, externa o seu entusiasmo pelos destinos do Novo Mundo



Em Nova York, o Presidente Prado é distinguido com um título honorário pela Universidade de Fordham



O Presidente Prado passa em revista o corpo de cadetes da famosa Academia Militar de West Point (N.Y.)



Numa fábrica de tanques médios de Detroit, o presidente peruano examina um dos mais modernos tipos



O Presidente Franklin D. Roosevelt, dos Estados Unidos, dá as boas-vindas ao Presidente Manuel Prado, do Perú, no aeroporto de Washington. É um momento sem precedentes, por isso que o presidente peruano é o primeiro chefe de Estado sul-americano a visitar os Estados Unidos, durante as funções do cargo, fortalecendo assim o espírito de aproximação continental, que, agora, mais que nunca, se revela com significação de extraordinários efeitos futuros. Em baixo: O Presidente Prado após assistir à missa na Catedral de São Patricio, na cidade de Nova York



A Vida Noturna EM 1942

PARA milhões de habitantes dos Estados Unidos, a vida noturna assumiu um novo aspecto, completamente diferente. Alacridade, jovialidade, alegria e diversões continuam a ter o seu lugar numa nação em guerra, porque relaxar os nervos é agora tão essencial como em tempo de paz. Mas, para grande parte da população, as horas noturnas são atualmente horas de trabalho intenso, de vigília em algum posto solitário, ou de inúmeros outros deveres indicados pelas necessidades de guerra.

O esforço que essas necessidades impõem, prossegue mecanicamente, dia e noite, sem solução de continuidade. Mais de dez milhões de operários encontram-se ativamente empenhados na manufatura de armamentos de todos os tipos, classes, modelos e calibres urgentemente necessários para equipar forças que avultam em número, em terra, no mar e no ar. Quatro milhões de pessoas assumiram voluntariamente encargos, que exigem tempo e trabalho, no complexo setor da defesa civil, em constante vigília contra qualquer ataque de surpresa. Milhões ainda entregam-se com extraordinária dedicação à operação do vasto sistema de transportes, que representa a espinha dorsal no corpo de uma indústria que se agita incessantemente, na produção do colossal material bélico em que se apoiam os designios da vitória. Para todo esse trabalho, as horas do dia e da noite fundem-se magicamente, para dar ao tempo o máximo da sua produtividade.

De todas as fases que caracterizam a gigantesca tarefa de uma nação em guerra, a produção de armamentos é a mais espetacular. Nas usinas de aço, nas fábricas de aviões, de material de artilharia, de tanques e demais armas e até mesmo nos estaleiros de construção naval, a operosidade nunca cessa. Produz-se horas a fio, pela noite a dentro, em atividade ilimitada. É assim que se impõe o trabalho de dotar as Nações Unidas com a superioridade imensa do seu poderio militar. Nesses centros de produção industrial de guerra, as luzes nunca se apagam. Mudam-se os turnos, substituem-se os operários, mas o ruído das máquinas nas oficinas e o rodar de veículos transportando a tarefa terminada, conti-

nuam constantes, com precisão cronométrica. Assim é o aspecto quanto à produção. Quanto à prevenção, a vida noturna da nação inteira, do crepúsculo em diante, mostra sinais evidentes da vigilância que impéra, organizada e eficiente. Praticam-se o obscurecimento total e parcial. Intensifica-se a precaução contra surpresas do inimigo; põe-se à prova o funcionamento de todos os serviços de emergência, já organizados com a cooperação de todos os cidadãos.

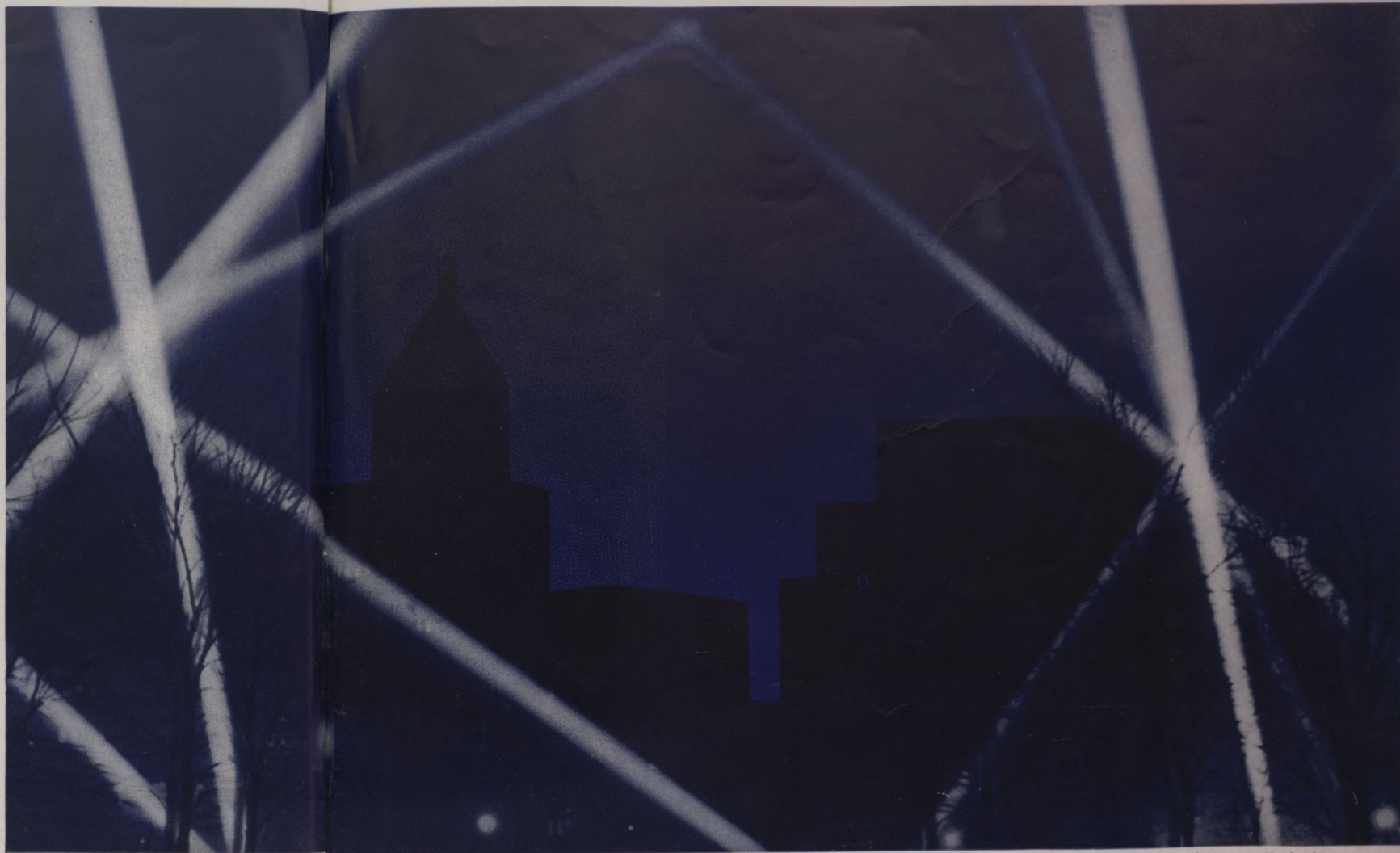
Na costa do Atlântico, muitas cidades foram forçadas a atenuar a sua iluminação, tal o reflexo que se verificava, proporcionando seguro ponto de referência, perceptível a muitas milhas ao largo do mar. A silhueta dos navios oferecia alvo certo a submarinos em busca de suas presas na calada da noite.

Em áreas ao longo da costa, todas as luzes estão agora veladas ou extintas completamente, desde o cair da noite. Nas ruas, nas vitrinas de casas comerciais, em anúncios, antes espetacularmente luminosos, à entrada de hotéis, cinemas teatros e casas de diversões.

De todas as cidades da costa, New York destaca-se mais, nessa mudança. A famosa Broadway não é mais a alacra Via Láctea. Todo o centro fervilhante de vida noturna de cidade, no Times Square e ruas adjacentes, passa as horas da noite envolvido nas sombras de uma semi-obscuridade.

Antes de entrar em vigor o semi-obscuramento, Times Square, com a sua feérica iluminação pública e a da fachada de seus teatros, cinemas, hotéis e casas comerciais e de seus gigantescos painéis de anúncios luminosos, consumia energia elétrica suficiente para iluminar uma cidade de setenta mil habitantes. Hoje, no seu movimento noturno habitual, nem mesmo se destacam as suas luzes de tráfego, porque estas estão agora reduzidas a pequeninas cruces que mal deixam transparecer nos vidros enegrecidos, os sinais verde e vermelho.

Em nenhuma outra parte do país se observa maior contraste do que nesse movimentado ponto urbano,



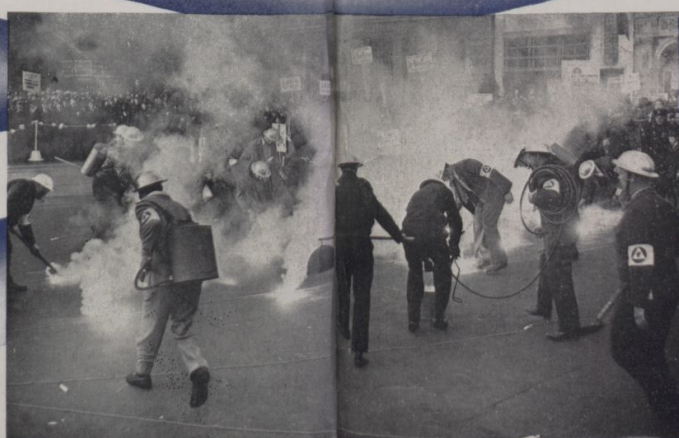
Mesmo estando a centenas de milhas da costa, Chicago ilustra o valor da defesa civil. Projetores elétricos, vârem os céus na escuridão da noite, enquanto que baterias ocultas anti-aéreas fazem ouvir-se em seus disparos e aviões bombardeiros circulam por sobre a cidade. É contra quaisquer surpresas e emergências que hoje se encontra preparado toda a vasta população do país, do Atlântico ao Pacífico



Policiais voluntários



Defensores da cidade



Bombeiros voluntários extinguindo bombas incendiárias



Inspectores contra raids aéreos



Vigia contra raids aéreos



HOMENS DO MAR

A HISTÓRIA das constantes provas de heroísmo da parte de marinheiros mercantes é, essencialmente, um atestado vivo de devoção ao dever, raramente conhecido e glorificado em verso. É o episódio da coragem pura e simples, que se manifesta sem alardes nem exterioridades. É a história típica do marujo que se integra com o mar, num mundo em guerra, e que enfrenta a morte em suas formas mais horríveis: pelo fogo, pela fome, em barcos expostos às ardências do sol canicular, ou aos rigores de ventos glaciais. O marinheiro como que se sente acima de todas as vicissitudes, considerando-as como parte inerente à vida do mar. Porque é certo que aqueles que tripulam cargueiros no transporte de armas, munições e explosivos, bem sabem da ameaça constante que são os submarinos inimigos.

Não obstante, os marinheiros, depois de cada viagem, depois de enfrentarem privações de toda sorte e mesmo quando já foram vítimas dos imprevistos do mar e da guerra, nunca se negam a voltar a cumprir o dever que a profissão lhes impõe — o de tripular seus navios, sejam quais forem as circunstâncias. Bem sabem eles dos percalços a que se expõem, enfrentando as intempéries. Conformam-se com a necessidade de, às vezes, sujeitarem-se aos mais extremos desconfortos, isolados na imensidão dos mares. Não raro sentem chegar-lhes o momento fatal de serem tragados pela fúria das ondas, em tempestades tremendas, que parecem despedaçar o navio a todo instante. Às vezes, chegam mesmo a perder toda esperança de alcançar um porto seguro,

mas, não obstante, prosseguem firmes, indômitos e denodados. Sabem também do que é capaz de causar um torpedo no casco frágil do cargueiro que segue pacientemente seu rumo, mares afóra. Sabem de tudo isto e voltam sempre animados com a mesma disposição de continuarem na vida do mar.

A fim de atender à crescente urgência de mais tripulantes para as novas unidades mercantes, o governo dos Estados Unidos, por intermédio dos serviços de Guarda Costa, organizou cursos especiais para o preparo de 70.000 marinheiros e 15.000 oficiais por ano, em 1942 e 1943. Em escolas em Nova York, Flórida e Califórnia, aprendizes-marinheiros fazem cursos de 3 meses, custeados pelo governo e com direito a 21 dólares mensais. O curso de oficiais os qualifica para serem primeiros-pilotos ou terceiros-maquinistas. Nesses cursos, matriculam-se candidatos marinheiros, enquanto que nas escolas básicas e academias marítimas superiores, na Califórnia, Luisiana, Maine, Massachussets e Nova York, os candidatos que tenham o curso secundário oficial, fazem cursos especialmente organizados para a emergência, de 4 a 16 meses.

Com os conhecimentos gerais que eles adquirem, poderiam facilmente dedicar-se a trabalhos em estaleiros, em fábricas, ou noutras profissões, alheias aos percalços da vida do mar. Mas todos preferem abraçar sem hesitação a carreira da marinha mercante, mesmo com todos os seus perigos e glórias anônimas. Esta é, sem dúvida, uma das maiores contribuições para a manutenção da liberdade dos mares.



No mar, depois de removida toda ferrugem, o navio é pintado e seus maquinismos sujeitos a constantes cuidados



No sagrado dever de transportar equipamento de guerra para as frentes de batalha, os homens do mar, em cada viagem que fazem, arriscam-se a todos os imprevistos da morte. Aí vemos um grupo que escapou de morrer tragicamente, quando seu navio foi torpedeado por um submarino ao largo da costa norte-americana, em plena zona de guerra

Escortado por navios de guerra, em contínua vigilância, este comboio conduzindo preciosa carga, segue com rumo a um porto distante. Poucos navios são perdidos quando viajam em comboios organizados como este. São precisos homens fortes para tripular um navio, por exemplo um cargueiro, onde todo trabalho é pesado





Os jovens guerreiros paraquedistas dirigem-se para o ataque em aviões-transportes de tipo especial. Suas armas são empacotadas, para facilitar o seu lançamento, em partes separadas, por meio de para-quedas. Peças de artilharia ligeira e mesmo tanques pequenos podem ser transportados pelo ar, proporcionando a essas tropas armamento eficiente e em quantidade bastante para rápidos assaltos a pontos estratégicos. Nesta guerra de inovações tem-se provado a vantagem tática dessa nova arma

FÔRÇAS DE ATAQUE

As tropas paraquedistas do Corpo de Infantaria de Marinha dos Estados Unidos são uma das principais forças de ataque da nação.

Em exercícios diários, em numerosos centros de treinamento, milhares desses escolhidos fuzileiros projetam-se de grandes aviões transportes, lançando também em para-quedas canhões de tiro rápido, dos mais modernos, de curto alcance e de todos os calibres. E uma vez em terra, as tropas anfíbias navais formam unidades de combate de acordo com planos adrede preparados, reunindo suas armas e entrando imediatamente em ação contra objetivos previamente designados.

Esses combates simulados são levados a efeito em condições que asseguram o máximo realismo. Não há tempo a perder, por isso que, a qualquer momento, poderão esses homens enfrentar o inimigo.

Para comandar tropas paraquedistas, são escolhidos oficiais de comprovada capacidade de direção e qualidades de gênio em face do adversário, além de serem capacitados aviadores e paraquedistas. São esses oficiais que selecionam os seus próprios comandados. A distinção de ingressar nas forças paraquedistas é conferida unicamente àqueles que já se encontram perfeitamente treinados como fuzileiros navais, exigindo-se ainda, como requisitos essenciais, inequívocas provas de inteligência, vivacidade, resistência física e decidida disposição para luta.

O treinamento básico de um fuzileiro representa em si uma preparação rigorosa para a guerra moderna. Nêle se incluem prolongados exercícios com várias armas, princípios táticos e estratégicos e engenharia elemental. Co-

mo complemento indispensável, são os fuzileiros instruídos especialmente na variada técnica empregada em operações de desembarque contra as praias ocupadas pelo inimigo.

Tais operações de desembarque são consideradas como as mais difíceis, mais arriscadas e que exigem a mais cuidadosa preparação, dentre todas as formas de ataque. Como forças componentes da marinha dos Estados Unidos, os soldados da infantaria naval têm se dedicado a essas operações há mais de 166 anos. Seus oficiais têm aprendido a coordenar o movimento de forças terrestres, navais e aéreas com a mais rigorosa precisão. O emprego de tropas paraquedistas enquadra-se naturalmente nas normas táticas por eles já estabelecidas.

Os métodos atuais, de perfeita familiarização do fuzileiro com os recursos da aviação de guerra, foram estabelecidos no Corpo de Infantaria de Marinha em 1940, depois de vários anos de constante experimentação prática e técnica.

Do curso consta, primeiro, um período de seis semanas, no qual o fuzileiro aprende a empacotar seu para-queda e estuda vários métodos de desembarque, além de submeter-se a exercícios diários para o enrijecimento das pernas, costas e músculos abdominais, a fim de resistir ao choque da queda.

O manejo do para-queda é feito em exercícios práticos de saltos de torres de aço de 85 metros de altura. Depois são os soldados conduzidos em aviões-transportes, de onde saltam a uma altura de 350 metros. A proporção que se desenvolve o treinamento, os transportes vão a altitudes cada vez mais baixas, até realizarem as tropas saltos de 100 metros.



1 Aterrizar é a operação mais delicada para um paraquedista. As tropas aéreas saltam e procuram fazer a descida o mais reunidas quanto possível. Armas e munições descem em para-quedas separados

2 O comandante de pelotão encarrega-se do reconhecimento, e o faz cautelosamente, armado até os dentes, com pistola, sub-metralhadora e granadas de mão. Para ele não pode haver passo em falso

3 A destruição de um ninho de metralhadoras é feita com morteiro de trincheira. O comandante de esquadra garante a guarnição do morteiro contra qualquer possível ataque pela retaguarda



DEFESA DAS ANTILHAS

PARTE INTEGRANTE DA PROTEÇÃO DO CANAL DO PANAMÁ

LONGOS anos de preparação para salvaguardar um elo de extraordinária importância na defesa militar e econômica do Hemisfério Ocidental, fizeram do Canal do Panamá e da área adjacente do Mar das Antilhas, uma das regiões mais defendidas no mundo.

Outras Repúblicas Americanas têm cooperado no estabelecimento do sistema de defesa nessa área, a um tal ponto de eficiência, que as autoridades militares mostram-se confiantes de poderem proteger o Canal contra qualquer ataque terrestre, marítimo ou aéreo, ou contra atos de sabotagem.

Na zona do Canal propriamente, formidáveis fortificações foram construídas para defendê-la contra qualquer forma de ataque. Do conjunto de que se compõem as fortificações, destacam-se enormes peças de artilharia de costa, montadas em via-férrea, canhões anti-aéreos, baterias de possantes projetores elétricos e considerável efetivo de tropa móvel, que guarnece a área do Canal em toda a sua

extensão. A aviação permanece em constante alerta, devassando os horizontes com seus bombardeiros e aviões de combate. Para maior eficiência de ação das forças militares que guarnecem o Canal, nova rodovia, de grande valor estratégico, cortando densas florestas, torna possível a rápida movimentação de tropas através do istmo, entre o Atlântico e o Pacífico.

A defesa do Canal, entretanto, depende em grande parte, da defesa de toda a área do Mar das Antilhas que forma a ligação com o Atlântico, e de constante vigilância na parte circunvizinha do Pacífico. Com a totalidade das nações da América do Norte e Central e da zona das Antilhas em guerra contra a Alemanha, Itália e Japão, e a maioria das nações da América do Sul de relações diplomáticas e comerciais cortadas com as potências do Eixo, estabeleceu-se a mais íntima colaboração para manter a segurança do Canal, tarefa que exige constante e inextinguível esforço da parte de todos. Parte integrante

da sua defesa é a série de bases navais e aéreas dos Estados Unidos, situadas de lado a lado da ligação do Mar das Antilhas com o Atlântico, Norfolk, Jacksonville, Key West, Guantánamo, Porto Rico, São Tomaz — estas e outras bases estão equipadas para garantir a zona do Canal contra ataques por mar e pelo ar.

Desde o início da guerra, em 1939, as forças dos Estados Unidos que guarnecem esses pontos, têm sido consideravelmente aumentadas.

Com a aquisição, posteriormente, de outras bases aéreas e navais, da Inglaterra, em 1940, um círculo ainda mais cerrado de fortificações guarda a área vital das Antilhas. As novas bases abrangem uma distância de 4.500 milhas, desde a Guiana Inglesa, na parte septentrional da América do Sul, até a Terra Nova. Nelas incluem-se outras bases situadas nas Ilhas Bermudas, Jamaica, Santa Lúcia, Trindade e Antigua. Todas as nações americanas podem servir-se dessas bases, sob uma forma cooperativa.



"Fortalezas Voadoras" mantêm-se em constante serviço de patrulha na área do Mar das Antilhas, de uma base localizada "num ponto da Guatemala". Aqui vêem-se quatro aviões B-17 voando por sobre montanhas da região. Intensa vigilância aérea neste estratégico território é essencial à defesa da importante zona do Canal do Panamá



4 Agora torna-se possível a distinção de forças. Em formação aberta, uma patrulha avança cautelosamente através de uma floresta, sempre alerta contra qualquer ataque de surpresa, ou contra minas e emboscadas

5 O plano de ação dos paraquedistas (à esquerda) é discutido depois de um assalto bem sucedido por trás das linhas inimigas, após um reconhecimento aéreo. Os paraquedistas não podem dispensar um mapa

6 Granadas de mão são parte importante do arsenal do paraquedista. Este cabo está pronto para lançar uma granada manual de fragmentação, com a característica técnica do movimento de firme rotação do braço

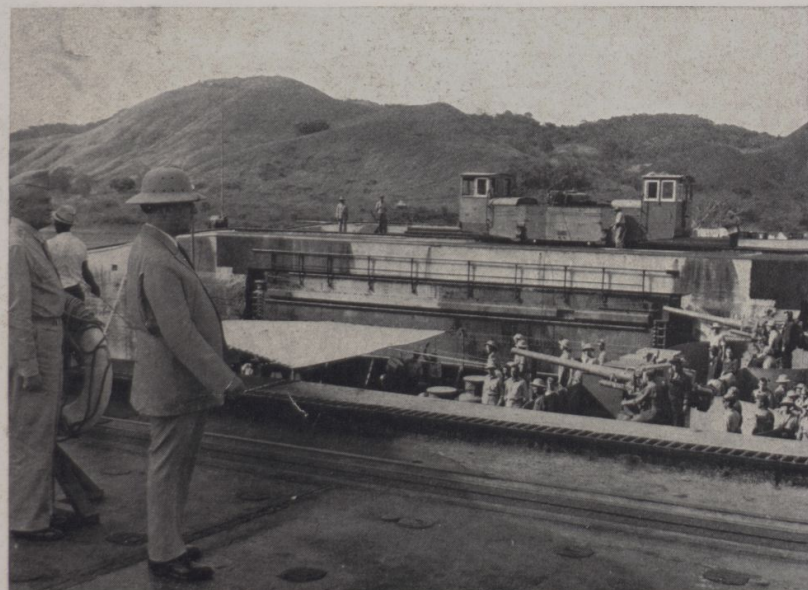




À guerra nesta região é um sério problema, complicado por densas florestas que se prestam a perigosas emboscadas. Soldados de uma esquadra de reconhecimento investigam uma "posição inimiga" durante recentes manobras de conjunto para pôr à prova a defesa das Antilhas. Esta é uma zona que ficará impregnável a todo custo



Até os mosquitos também são terríveis inimigos dos soldados norte-americanos agora na Guiana Holandesa



O Secretário da Guerra dos Estados Unidos, Henry L. Stimson, observa um transporte carregado de tropas, fazendo a travessia de uma das etapas no curso no Canal do Panamá. Toda precaução é necessária contra atos de sabotagem



Em dezenas de aeródromos que cercam a zona do Canal, esquadrilhas de aviões de combate mantêm-se de prontidão permanente. A invasão do Mar das Antilhas por uma esquadra é considerada impossível, mas é natural que se espere a ação de raids levados a efeito por submarinos e aviões muito embora isso constituisse verdadeiros suicídios



General Douglas MacArthur, comandante-em-chefe das forças das Nações Unidas na Austrália, ponto estratégico no Pacífico



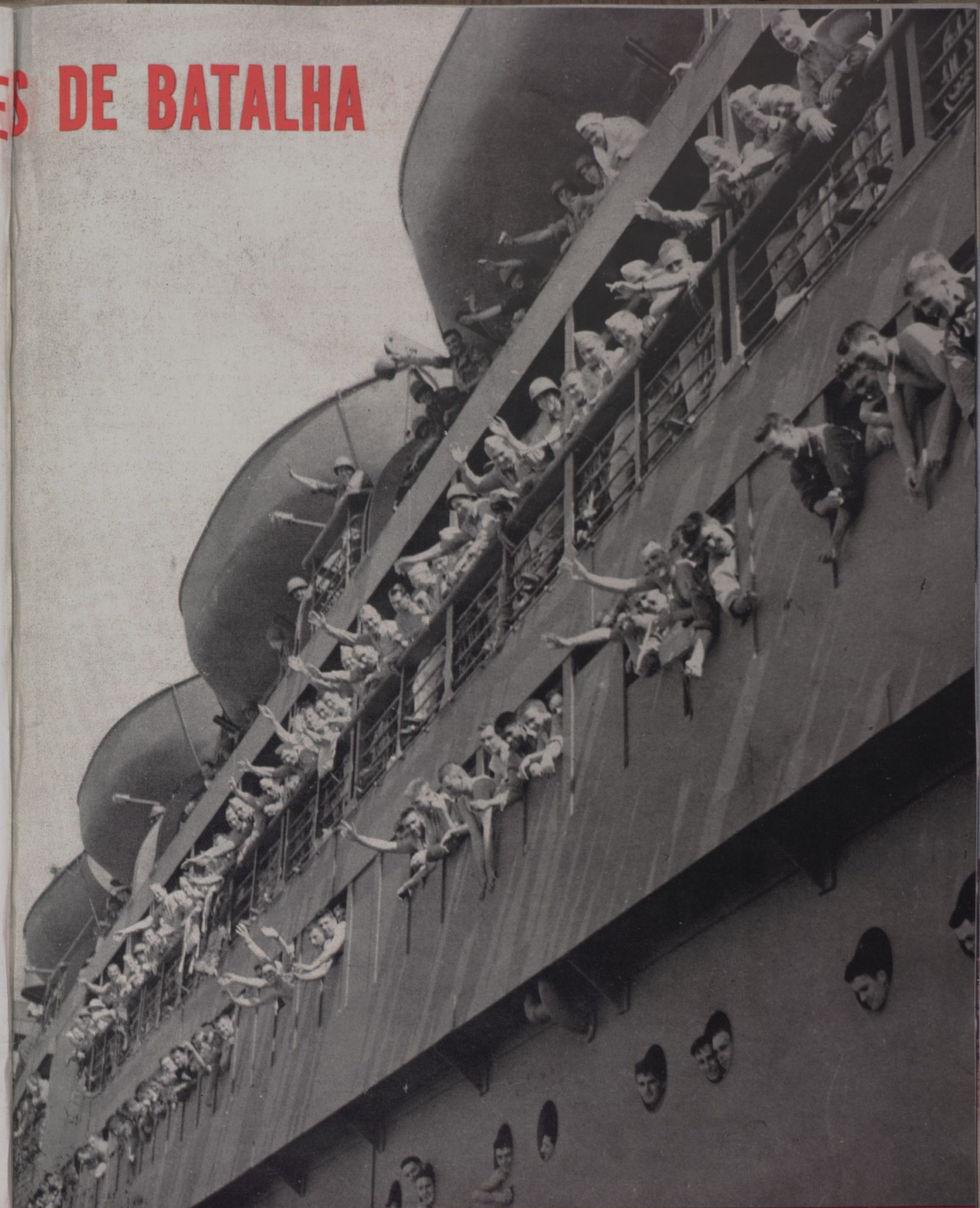
Major-general James E. Chaney, comandante-em-chefe das forças dos Estados Unidos no Reino Unido da Grã Bretanha

PARA AS FRENTES DE BATALHA

QUANDO os Estados Unidos entraram na primeira guerra européia, em 6 de Abril de 1917, o preparo de milhões de soldados e seu transporte através do Atlântico, com destino aos campos de batalha na França, foi realizado com prodigiosa rapidez. Os exércitos do kaiser estavam em franca ofensiva. Os submarinos alemães sustentavam eficiente guerra contra navios mercantes no Atlântico. Não obstante, perguntava-se, como iriam os Estados Unidos mandar um exército enorme para a Europa, a tempo de ser fator decisivo na guerra? Os incrédulos afirmavam que isso não seria possível. Contudo, os Estados Unidos conseguiram fazer aquilo que parecia ser impossível.

Por meio da reunião de transportes de tropas em grupos de 10 a 12, e escoltando-os com numerosos destroyers e outras unidades navais, mais de dois milhões de homens atravessaram o oceano com rumo à Europa, sem que se registasse a perda de um único soldado, causada por ataque inimigo. A balança de poder nos campos de batalha da França pendeu, finalmente, em favor dos aliados e a 11 de Novembro de 1918, a Alemanha perdia a guerra. Em 1942, os Estados Unidos mais uma vez se encontram em guerra com a Alemanha, e enfrentam problema idên-

Más noticias para Hitler! Reforços para a crescente força expedicionária dos Estados Unidos, composta de tôdas as armas, desembarcam na Irlanda do Norte



A chegada de um transporte de guerra à Austrália, num das várias comboios que têm levado tropas destinadas à próxima ofensiva no oriente. Tal como o exército norte-americano ora na Irlanda, as forças expedicionárias na Austrália estão completamente equipadas para entrar em ação a qualquer momento, na projetada ofensiva contra os japoneses



Tropas norte-americanas exercitam-se ao longo da rochosa costa irlandesa, preparando-se para o dia em que a "segunda frente" será iniciada na Europa oriental



Esses soldados já seguem perfeitamente treinados para a Irlanda, aí especializando-se apenas em detalhes de exercícios em terrenos de configuração especial



Uma Fortaleza Voadora abastece-se de gasolina em aeródromo situado num deserto no norte da Austrália. O considerável número desses passantes aviões norte-americanos tem sido importante fator para rechassar os japoneses em seu avanço, com rumo a terras australianas

tico. A marinha norte-americana, organizando novamente o sistema de comboios, está realizando o transporte de tropas, armas e munições para campos de batalhas a milhas de distancia das costas americanas.

Desta vez, as tropas são comboiadas através do Atlântico e do Pacífico, para a Grã Bretanha e Austrália, bases avançadas mais estratégicas, de onde poderão ser lançadas ofensivas em larga escala contra a Alemanha e o Japão.

A constante chegada de novos comboios conduzindo tropas dos Estados Unidos, equipadas com complicado armamento moderno destinado à guerra motorizada, revela a determinação de seus dirigentes de atacar as forças navais, terrestres, ou aéreas do Eixo onde e quando forem elas encontradas.

"Tropas americanas, afirmou o Presidente Roosevelt, em seu discurso de 23 de Abril, têm tomado posição na América do Sul, na Groelândia, na Icelândia, Ilhas Britânicas, Oriente-Próximo, Oriente-Médio, Extremo-Oriente, Austrália e muitas ilhas do Pacífico. Aviões americanos, dirigidos por aviadores americanos, estão em verdadeiros combates aéreos em todos os continentes e todos os mares."

Detalhes de constantes embarques de tropas, composição dos comboios, quantidade de tropa e material bélico, são segredos militares. Mas é sabido que alguns desses embarques são compostos de tropas e material em tal quantidade que são precisos dias para o seu desembarque.

As autoridades militares, naturalmente, ocultam todos os planos atinentes à ocasião em que as tropas norte-americanas participarão da grande ofensiva na Europa. Todavia, comunicados oficiais já têm informado acerca da chegada de tanques e forças blindadas na Irlanda do Norte. Quando tanques são enviados como parte de uma força expedicionária, quer dizer que a organização dessa força já atingiu a seus últimos detalhes, porque os tanques fazem-se acompanhar sempre de todos os tipos das demais armas. Isoladamente, os tanques ver-se-iam em grande dificuldade sem o apoio da artilharia para garantir-lhes a avançada e defender as forças do conjunto que os acompanham. Um exército que dispõe de seus próprios tanques, está pronto para entrar em ação na única maneira possível de alcançar-se a vitória na guerra moderna — a ação ofensiva.

O que se passa na vasta frente russa, desde o Báltico ao Mar Negro, é de grande significação para todas as Nações Unidas. Uma vitória alemã contra os russos, iria facilitar o emprego de milhões de soldados já experimentados e também de equipamento, em outros setores de grande importância estratégica.

Com o transcorrer dos meses, mais aumenta a resistência e a potência das Nações Unidas em todas as campos de batalha, apressando assim a chegada do momento que definirá inexoravelmente a derrota do triunvirato do Eixo. Cada dia mais se acentua a fatalidade do seu destino.



A guarnição de uma peça anti-tanques exercita-se em manobras de invasão, entre ruínas de casas, numa vila na Irlanda do Norte, atacada pelos alemães. As ruas estreitas são de vantagem para o estabelecimento de armadilhas, em que a artilharia prova o seu valor

Tropas norte-americanas marchando no rígido terreno australiano. O campo aberto assim, é o preferido para o estado-maior do exército americano, por isso que sua

tropas sempre se mostram com vantagem sob condições que requerem a guerra de movimento. Na Austrália, o terreno e o clima prestam-se para enrijecer os soldados



ÚLTIMAS NOTÍCIAS MUNDIAIS

Música Excelente ★ Programas Amenos

HORAS DE TRANSMISSÃO EM ONDAS CURTAS dos Estados Unidos para as Repúblicas Americanas




Argentina • BRASIL (Hora do Rio) • Uruguai

SINTONIZAÇÕES

Estação	Megaciclos	Metros	17.00	18.00	19.00	20.00	21.00	22.00	23.00	24.00	1.00	2.00
WCDA	17.83	16.82										
WNBI	17.78	16.87										
WCBX	15.27	19.65										
WLWO	15.25	19.67										
KGEI	15.21	19.72										
WRCA	15.15	19.80										
WNBI	11.89	25.23										
WBOS	11.87	25.27										
WCRC	11.83	25.36										
WRUW	11.73	25.58										
WLWO	11.71	25.62										
WRUL	9.70	30.93										
WRCA	9.67	31.02										
WGEA	9.55	31.41										
WGEO	9.53	31.48										
WRUS	6.04	49.67										

em Português EM ONDAS CURTAS DOS ESTADOS UNIDOS

● A duração dos períodos de irradiação de cada emissora é assinalada pelo comprimento das faixas horizontais. Os idiomas utilizados são indicados da maneira seguinte:

Português  Espanhol  Inglês 



● HORARIOS que indicam os títulos, os prefixos e as características de sintonização para todos os programas que se irradiam por ondas curtas dos Estados Unidos, serão enviados quinzenalmente, gratis, pelo Coordinator of Inter-American Affairs, Washington, D. C., a todo ouvinte que os solicite.— Qualquer sugestão ou crítica será recebida com o maior agrado.

TENHA ÊSTE À MÃO PARA SINTONIZAR

As fotografias publicadas neste número foram gentilmente cedidas pela: Acme, Rudy Arnold, Armstrong Roberts, Black Star, Escritório de Expansão Comercial do Brasil em Nova York, British Consulate, Batek Motor Co., Maxwell Coplan-F.P.G., European, Free Lance Photographer's Guild, Harris & Ewing, International, Kahan-Rapho Gullumette, New York Times, Pix, Inc., Press Association, W. Eugene Smith, Three Lions, U. S. Army Air Corps, U. S. Army Signal Corps, Charles Perry Welmer, e Consulado Geral da Polónia em Nova York.

